

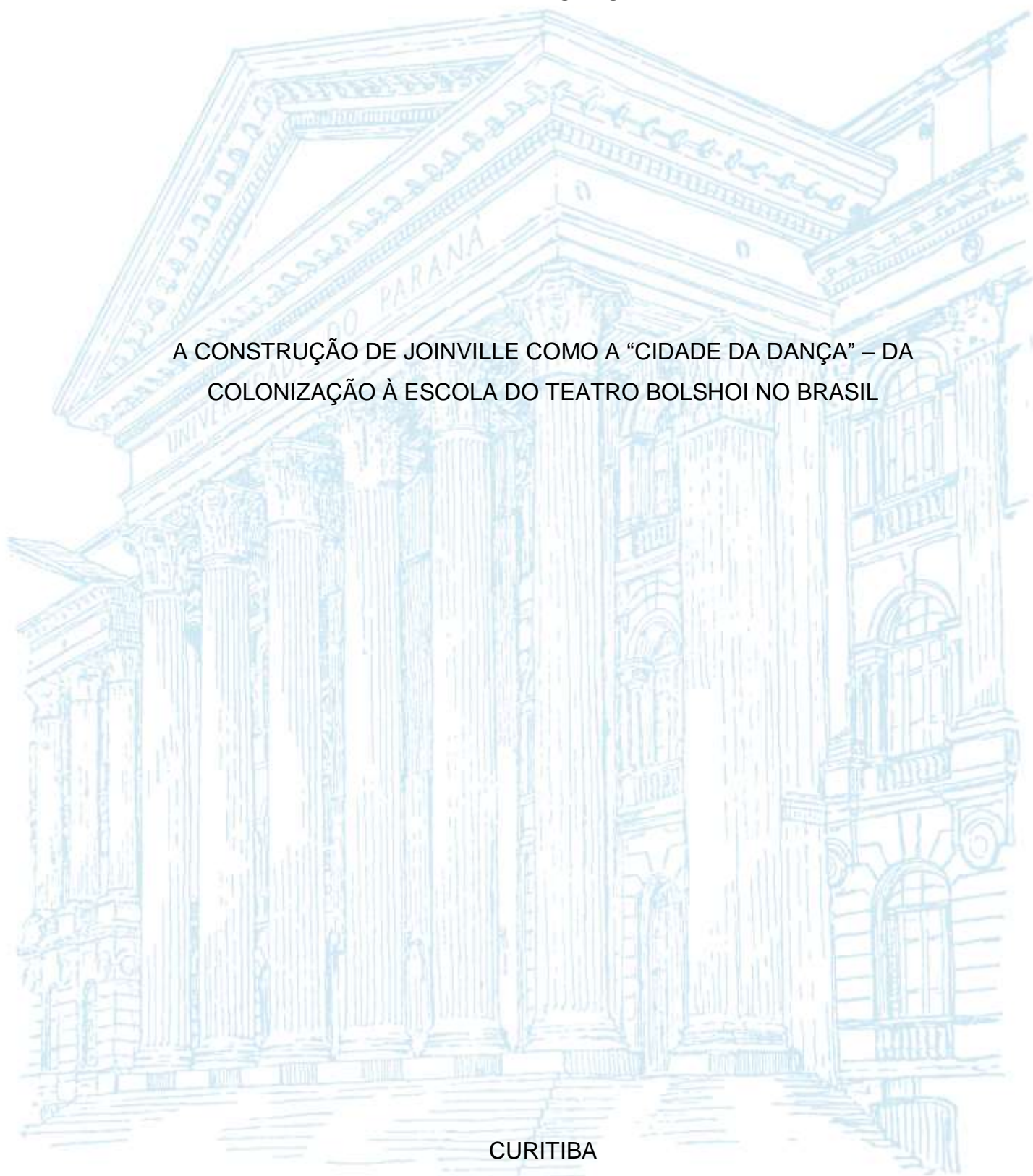
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TAINÁ NUNES

A CONSTRUÇÃO DE JOINVILLE COMO A “CIDADE DA DANÇA” – DA
COLONIZAÇÃO À ESCOLA DO TEATRO BOLSHOI NO BRASIL

CURITIBA

2020



TAINÁ NUNES

A CONSTRUÇÃO DE JOINVILLE COMO A “CIDADE DA DANÇA” – DA
COLONIZAÇÃO À ESCOLA DO TEATRO BOLSHOI NO BRASIL

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior.

CURITIBA

2020

TERMO DE APROVAÇÃO

TAINÁ NUNES

A CONSTRUÇÃO DE JOINVILLE COMO A “CIDADE DA DANÇA” – DA
COLONIZAÇÃO À ESCOLA DO TEATRO BOLSHOI NO BRASIL

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Prof. Dr. Wanderley Marchi Júnior

Orientador – Departamento de Educação Física, UFPR

Curitiba, 11 de dezembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pelo incentivo em todas as fases da minha trajetória. Especialmente aos meus pais, Fábio e Geo, primeiramente por oportunizar que eu tivesse acesso e tomasse gosto pela dança e, principalmente, por estudar e aprender cada vez mais. Agradeço ainda pelo apoio incondicional às minhas decisões e caminhos, e por tornarem os meus sonhos seus também. Um agradecimento especial também à minha irmã Taís, minha maior parceira durante toda a minha vida, a pessoa que acompanhou mais de perto as alegrias e angústias de cada fase e me apoiou em todos os momentos.

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador, professor Dr. Wanderley Marchi Júnior, que desde o primeiro período tenho como exemplo na arte de lecionar, e cada vez mais admiro também como pesquisador e orientador. Obrigada por guiar seus alunos respeitando suas individualidades, nos direcionando de modo a desenvolvermos nosso potencial, mas dando a liberdade necessária para criarmos trabalhos que nos deixem com “brilho nos olhos”. Estendo minha gratidão também a todos os integrantes do Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade, pelas críticas construtivas e enorme oportunidade de crescimento.

Por fim, meu muito obrigada a todos os colegas e amigos que compartilharam essa jornada da graduação comigo. Além de tornarem a rotina mais leve, creio que aprendemos muito uns com os outros, seja através de conversas descontraídas ou discussões acaloradas nas aulas. Dentre eles, cito com carinho minhas amigas Clara e Pauline, que passaram boa parte do curso fazendo trabalhos sobre dança por minha causa. Agradeço também aos amigos de fora da universidade, mas que estiveram me ajudando e incentivando de diferentes formas.

RESUMO

Joinville é a maior cidade de Santa Catarina e, dentre outros apelidos, é conhecida como a “cidade da dança”, principalmente por promover o maior festival de dança do mundo, e também por sediar a única filial do Ballet Bolshoi da Rússia. O objetivo deste trabalho foi compreender a construção da cultura da dança em Joinville, através de três eixos principais: a colonização de Joinville, o Festival de Dança de Joinville e a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. Trata-se de um estudo qualitativo, no qual desenvolveu-se uma revisão bibliográfica. Quanto às origens de Joinville, constatou-se que a cidade foi iniciada por imigrantes germânicos, em sua maioria alemães, que influenciaram o perfil étnico e costumes da cidade até hoje. Seu hábito de formar associações para socializar e compartilhar interesses comuns, como esportes, música, canto e dança, fez com que a colônia se desenvolvesse culturalmente de forma muito rápida e se formasse uma comunidade que apreciava as artes. Outra influência dos colonizadores é a prática de danças folclóricas, muitas vezes associadas a festas típicas. O Festival de Dança de Joinville atualmente é um grande evento que atrai visitantes do país todo. Ele se iniciou de forma mais amadora, mas já com boa aceitação da população e apoio dos profissionais da dança. Gradativamente, a organização do Festival foi se profissionalizando para conseguir acompanhar as crescentes demandas. A própria estrutura de turismo da cidade foi estimulada pelo evento, com a ampliação da rede hoteleira e construção de espaços apropriados para eventos desse porte, como o Centreventos Cau Hansen, onde fica também a sede da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. O surgimento da Escola exigiu muita articulação política entre Brasil e Rússia. Do lado brasileiro, um dos principais agentes nesse processo foi Luiz Henrique da Silveira, então prefeito de Joinville, que após auxiliar na instalação da escola em seu mandato, se elegeu governador. Atualmente a Escola forma bailarinos profissionais, com ensino gratuito para todos os alunos. Financeiramente, ambos os projetos se mantêm com patrocínio da iniciativa privada e do poder público, principalmente através da Lei Rouanet, além de receitas próprias. Outra semelhança é a promoção de iniciativas, como apresentações e outras atividades, oferecidas à comunidade joinvilense de forma gratuita, de modo a ampliar o acesso à dança. Apesar de haver discursos romantizados considerando apenas o amor à arte, concluiu-se com este trabalho que a construção da identidade de Joinville como a “cidade da dança” é complexa e interrelacional, envolvendo aspectos sociais, políticos e econômicos.

Palavras-chave: Joinville, Festival de Dança, Ballet Bolshoi, dança folclórica, germanidade, identidade.

ABSTRACT

Joinville is Santa Catarina's biggest city and, between other nicknames, it is known as the "city of dance", mainly because it promotes the biggest dance festival in the world, and also for hosting the only branch of Russia's Bolshoi Ballet. This work's goal was to comprehend the construction of the dance culture of Joinville, through three main axes: Joinville's colonization, the Joinville's Dance Festival and the Bolshoi Theater School in Brazil. This is a qualitative study, in which was developed a bibliographical review. About the origins of Joinville, it was found that the city was created by Germanic immigrants, mostly Germans, that influenced the city's ethnic profile and habits until this day. Their habit of forming associations to socialize and share common interests, like sports, music, singing and dance, made the colony culturally develop rapidly, forming a community that appreciates the arts. Another influence from the colonizers is the practice of folkloric dances, many times associated with typical parties. The Joinville's Dance Festival is now a big event that attracts visitors from the whole country. It began in a more amateur form, but already with good acceptance from the population and support from the dance professionals. Gradually, the Festival's organization got more professional to keep up with the crescent demands. The tourism structure of the city was stimulated by the event, with the enlargement on the number of hotels and the construction of appropriate spaces to events this size, like the Centreventos Cau Hansen, where also is located the Bolshoi Theater School in Brazil. The creation of the School demanded a lot of political articulation between Brazil and Russia. On the Brazilian side, one of the main agents in this process was Luiz Henrique da Silveira, then Joinville's mayor, who got elected governor after helping on the school's installation during his govern. Now the School forms professional dancers with free teaching for all the students. Financially, both projects are mantained with sponsoring from the private indicative and the public power, manly through the Rouanet law, besides their own incomes. Another resemblance is the promotion of initiatives, like presentations and other activities, offered for free to the Joinville's community, in order to enlarge the access to dance. Although there are romanticized speeches, considering only the love for the art, it was concluded with this work that the construction of Joinville's identity as the "city of dance" is complex and interrelational, involving social, political and economical aspects.

Keywords: Joinville, Dance Festival, Bolshoi Ballet, folkloric dance. Germanity, identity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO 1º FDJ (1983)	25
FIGURA 2 - CENTREVENTOS CAU HANSEN (DIREITA) E EXPOCENTRO EDMUNDO DOUBRAWA (ESQUERDA, AO FUNDO)	29
FIGURA 3 - CARTAZ DE DIVUGAÇÃO DO 37º FDJ (2019)	32
FIGURA 4 - LOCAIS DE ORIGEM DOS ALUNOS DA ETBB EM 2019	43

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - FINANCIAMENTO DA ETBB EM 2019.....	40
GRÁFICO 2 - GÊNERO E COR DOS ALUNOS DA ETBB EM 2019	42
GRÁFICO 3 - RENDA DOS ALUNOS DO BOLSHOI EM 2019	44

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AN	- A Notícia (jornal de Joinville)
ETBB	- Escola do Teatro Bolshoi no Brasil
FCJ	- Fundação Cultural de Joinville
FDJ	- Festival de Dança de Joinville
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	- Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFDJ	- Instituto Festival de Dança de Joinville
LHS	- Luiz Henrique da Silveira
OS	- Organização(ões) Social(is)
SANTUR	- Agência de desenvolvimento do turismo de Santa Catarina
SCH	- Sociedade Colonizadora de Hamburgo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	16
3 A COLONIZAÇÃO DE JOINVILLE.....	17
4 O FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE	24
5 A ESCOLA DO TEATRO BOLSHOI NO BRASIL	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	50
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Joinville é uma cidade de Santa Catarina que, apesar de não ser sua capital política, é a maior do estado, tanto em termos populacionais quanto econômicos. Com seus aproximadamente 590 mil habitantes (estimativa do IBGE para 2019), pode ser considerada uma cidade que proporciona boa qualidade de vida, como demonstra seu índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) de 0,809 (dado de 2010), classificado como muito alto, e superior ao valor de 0,699 equivalente ao Brasil como um todo (IBGE, 2019).

Localizada no norte do estado, encontra-se numa posição privilegiada no que diz respeito ao turismo: perto da serra, do litoral e do Vale Europeu, região com a qual compartilha suas origens germânicas, com forte presença também de outras etnias, que influenciam até hoje os costumes da população. Outro ponto interessante em sua geografia é o fato de estar mais próxima da capital do Paraná, Curitiba, que de Florianópolis, capital de seu próprio estado (SANTUR, 2019).

Ao longo de sua história, Joinville já recebeu diversas denominações, geralmente repetidas com orgulho pelos seus moradores e admiradores, como Cidade dos Príncipes, Cidade das Flores, Cidade das Bicicletas, Manchester Catarinense e uma última que foi a motivação deste trabalho: Cidade da Dança (ESCALABRINI *et al.*, 2018).

A pesquisa de Escalabrini *et al.* (2018) sobre a imagem turística da cidade no ponto de vista de seus habitantes mostrou que o título de cidade da dança foi considerado o que melhor representa a cidade por mais de 60% dos entrevistados, em detrimento dos outros títulos mencionados acima.

Cada um desses apelidos tem suas justificativas, e provavelmente a primeira explicação que um joinvilense daria para chamar sua terra natal de Cidade da Dança é que nela ocorre anualmente o Festival de Dança de Joinville (FDJ), reconhecido como o maior festival de dança do mundo em número de modalidades, bailarinos e público (OLIVEIRA, 2008).

No mês de julho, a cidade se transforma, sendo tomada por turistas, profissionais da dança e bailarinos. Eles lotam os hotéis, dançam pelas ruas, em praças e shoppings, competem em alto nível de exigência, se aperfeiçoam em cursos e consomem produtos relacionados a suas modalidades. Percebe-se que o

Festival, que ocorre desde 1983, foi ao longo dos anos se transformando em um conjunto de eventos de dança que movimentam toda a cidade (GIARETTA, 2015).

Outra justificativa para a denominação de “cidade da dança” é a presença da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil (ETBB), a única filial fora da Rússia do Ballet do Teatro Bolshoi de Moscou, referência mundial em balé clássico. A escola foi inaugurada no ano de 2000 em Joinville, e hoje recebe alunos a partir de nove anos de idade, de vários estados brasileiros e até de fora do país. Após passarem por um concorrido processo de seleção, todos recebem bolsa integral. Vencidos os oito anos de estudos (no caso dos alunos que entram na primeira série), formam-se profissionais competitivos com alto grau de empregabilidade em companhias do mundo todo (SOUZA, 2019).

Como mostra o site da ETBB (2018), esta instituição vai além do ensino voltado a seus alunos, realizando também diversos projetos voltados à comunidade, com o intuito de promover o balé e a cultura de forma geral, como as apresentações de dança, teatro ou música das Sextas com Arte e os espetáculos de Formação de Plateia, ambos oferecidos gratuitamente.

Como se pode observar pelo sucesso do Festival de Dança, Joinville já tinha uma relação diferenciada com a dança mesmo antes da vinda do Bolshoi. A valorização da dança na cidade, assim como o próprio evento, foi importante para a escolha dela como sede da filial. Larraín (2008) relata que uma apresentação do Bolshoi da Rússia no Festival, em que os bailarinos e gestores puderam observar o envolvimento do público com o evento e a dança de forma geral, foi um fator determinante para essa escolha.

Essas relações nos levam a alguns questionamentos vinculados a determinadas situações, como: a razão para o sucesso do Festival de Dança de Joinville; se a cidade já tinha traços em sua cultura que a tornaram um solo mais fértil para o evento; se o crescimento do Festival foi promovido pelo próprio público joinvilense, ou houve influências e incentivos externos; como se deu o processo de escolha de Joinville como sede para o Bolshoi no Brasil; e qual o papel desse evento (FDJ) e dessa instituição (ETBB) na formação da identidade cultural da cidade.

Para atender a algumas dessas inquietações, este trabalho se propôs a olhar para o passado e presente de Joinville de forma crítica, não se limitando a apenas relatar os acontecimentos ao longo de sua história, mas sim buscando

identificar as forças que moveram as mudanças ocorridas e ajudaram a formar a Joinville que conhecemos hoje.

Nesse sentido, foi formulada uma pergunta principal, que guiou esse estudo no caminho de um entendimento mais profundo da cidade da dança: como se deu a construção da cultura da dança em Joinville e quais foram os principais agentes e instituições responsáveis por esse processo?

Assim, o objetivo geral foi descrever um panorama da relação da cidade de Joinville com a dança, de modo a identificar os principais agentes e instituições responsáveis por construir sua cultura da dança.

Para tanto, foram buscados os seguintes objetivos específicos: 1) apresentar a cidade de Joinville e um histórico da construção de sua identidade cultural, especialmente no campo da dança; 2) identificar os agentes e instituições responsáveis pela criação e manutenção do Festival de Dança de Joinville; 3) caracterizar a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, desde o contexto de sua implementação até as iniciativas mais recentes.

A motivação pessoal para a escolha deste objeto de estudo se relaciona com minha proximidade, tanto com a dança, quanto com a cidade de Joinville. Nasci em uma cidade pequena, com menos de 40 mil habitantes, no planalto norte de Santa Catarina, chamada Rio Negrinho. Apesar de não haver conurbação, ela é considerada parte da região metropolitana do Norte/Nordeste de SC, da qual Joinville é a sede. Desde minha infância, eram muitas as ocasiões em que minha família percorria os 90 km que separam as cidades, principalmente para entretenimento, desde passear num shopping e ir ao cinema até frequentar teatros, estruturas até hoje ausentes na minha cidade natal.

Além disso, é importante ressaltar algumas semelhanças culturais que permeiam a região, como a presença de uma colonização majoritariamente germânica, com um calendário de festas típicas em várias cidades. Assim, cresci em certa medida sob a influência da cultura de Joinville, e essa relação com a cidade se intensificou conforme foi crescendo meu interesse pela dança.

Comecei a praticar balé clássico com cerca de seis anos de idade, e as visitas à Joinville passaram a ser ainda mais atrativas para mim, especialmente no

mês de julho, já que me deparava com apresentações promovidas pelo FDJ nos Palcos Abertos, além de trocar o shopping pela Feira da Sapatilha¹.

Quanto à ETBB, pode-se dizer que “crescemos juntas”, já que ela foi criada aproximadamente no mesmo período em que eu dava meus primeiros passos no balé clássico, e tive a oportunidade de prestigiar muitas de suas apresentações ao longo de seus 20 anos.

Atualmente, trabalhando na área da dança como professora de balé clássico, consigo perceber o privilégio que é viver tão próxima a este polo da dança, e continuo frequentando a cidade para fazer cursos e assistir a espetáculos. A motivação pessoal para a escolha deste objeto de estudo é essa relação de longa data com a cidade, que despertou a vontade de compreender melhor como Joinville se tornou a “cidade da dança”.

A justificativa acadêmica deste trabalho é preencher uma lacuna do meio científico, uma vez que não foram encontrados estudos tratando da relação de Joinville com a dança de forma ampla. Os trabalhos encontrados geralmente focam em apenas um evento ou instituição, e ainda assim abordando aspectos mais específicos deles. Assim, objetiva-se ligar estas peças, observando como os diferentes fatores interagem em um cenário maior e desse modo influenciam a identidade da cidade.

O Festival de Dança de Joinville, por exemplo, foi um tópico sobre o qual encontramos artigos, mas geralmente do ponto de vista de uma área de estudo, sem fazer muitas conexões com a história da cidade e outros acontecimentos, instituições e eventos. Nesses moldes, foram encontrados artigos na área do turismo, comunicação, design, logística, administração, entre outros. Os trabalhos que foram mais explorados como referência, por se aproximarem um pouco mais da visão ampla que buscamos, foram o de Larraín (2008), trazendo um ponto de vista antropológico, de Oliveira (2008), analisando a transformação dos jogos de poder no decorrer da história do evento, e o de Zimmermann e Fadul (2017), que trata do processo de publicização da festival.

¹ Os Palcos Abertos são estruturas disponibilizadas pelo FDJ com uma programação variada e gratuita, instalados em espaços públicos como praças, shoppings, supermercados e outros. A Feira da Sapatilha ocorre no mesmo local dos principais eventos do FDJ (Centreventos Cau Hansen) e trata-se de uma feira com diversas marcas de produtos relacionados à dança.

Quanto à Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, as referências foram mais escassas. A maioria dos artigos encontrados citavam a ETBB pois fizeram alguma intervenção ou coleta de dados tendo os alunos da escola como voluntários, como treinamentos de potência e análise de movimentos, alinhamento articular, avaliação postural, entre outros. Esses casos não agregaram muito ao nosso objetivo, já que geralmente é feita apenas uma pequena apresentação da ETBB, não havendo o objetivo de fazer uma análise aprofundada da instituição em si. Um trabalho mais aprofundado é o de Souza (2019), mas que tem certa especificidade por tratar das danças populares no currículo.

Quanto ao impacto social do trabalho, espero que se possa perceber os fatores envolvidos na criação de uma cultura de dança em Joinville, e que a exposição de tal trajetória possa inspirar outras cidades a, minimamente, entenderem e estimularem a arte e a cultura. Este trabalho também pode ser enriquecedor para as próprias pessoas de Joinville e região, como forma de conhecer melhor alguns momentos de sua história e compreender a complexidade que está envolvida na criação de conceitos que estão estabelecidos em suas concepções e geralmente não geram reflexão, como o nome de “cidade da dança” para se referir a Joinville.

2 METODOLOGIA

Com a ideia de construir um panorama amplo dos acontecimentos e conhecimentos construídos sobre o assunto, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, composta de uma revisão bibliográfica dos materiais já disponíveis, como artigos, teses e dissertações.

Para a seleção das teses e dissertações usadas na revisão bibliográfica, foi utilizada a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. A primeira busca foi feita combinando os termos “Joinville” e “dança”. Uma segunda busca foi feita a partir dos termos “Bolshoi” e “Brasil”. Tal procedimento foi repetido para a busca de artigos, desta vez no Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Devido ao pequeno número de artigos encontrados, foi necessário recorrer a outras plataformas mais abrangentes, como o Google Acadêmico. Também se observou com o decorrer da pesquisa que era necessário aprofundar alguns assuntos que não apareceram nestas pesquisas preliminares. Para suprir esse problema, as plataformas supracitadas foram revisitadas utilizando novos termos de pesquisa. Foram eles: “história” e “Joinville”, “folclore alemão”, “associativismo alemão”, “história” e “balé clássico”.

Além dos textos acadêmicos (teses, dissertações e artigos), foram consultados livros que discorressem sobre os assuntos tratados, sejam eles mais voltados para o meio acadêmico ou não. Os livros consultados se concentraram em torno de alguns temas: a história de Joinville e as características da cidade (FICKER, 1965; TERNES, 2002; GÖRRESEN, 2007), o Festival de Dança de Joinville, com os livros publicados em comemoração aos seus 15 anos (BRAGA *et al.*, 1998) e 30 anos (GEHLEN; BRAGA, 2012), a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, através do livro lançado pela própria instituição na ocasião de seus 20 anos (ETBB, 2020), e a história da dança de forma mais geral (CAMINADA, 1999) e no Ocidente (BOURCIER, 2001).

3 A COLONIZAÇÃO DE JOINVILLE

Creemos que, para abordar a construção de uma imagem cultural e turística de uma cidade, para além dos eventos diretamente relacionados a ela, como o Festival de Dança de Joinville, é necessário ter uma visão de como aquela população foi formada. Assim, este capítulo se destinará a narrar os primórdios de Joinville, anteriormente chamada de Colônia Dona Francisca, identificando os povos que a colonizaram e possíveis influências de sua cultura e costumes.

Quem motivou o nome da cidade foi François Ferdinand Phillippe Louis Marie d'Orléans, o Príncipe de Joinville, na França, que casou-se com a Princesa Dona Francisca de Bragança, filha de Dom Pedro I, em 1843. As terras que atualmente abrigam a cidade de Joinville foram dadas ao príncipe como parte do dote pela união (FICKER, 1965).

O príncipe e a princesa foram morar na França após o casamento, e a princípio não ocuparam as terras. Entretanto, diversos problemas políticos e econômicos em várias partes da Europa aumentavam o desejo de sair do continente em busca de uma vida mais digna, tornando o transporte destes emigrantes um negócio lucrativo. As instabilidades políticas também afetaram a realeza, e o casal teve que se exilar na Inglaterra, e desse modo se encontrava em uma situação desfavorável (FICKER, 1965).

Foi nesse contexto que se iniciaram as negociações entre Léonce Aubé, que havia retornado à Europa e administrava os bens do príncipe no Brasil, tendo poderes para negociar e assinar em seu nome, e o Senador Christian Mathias Schroeder, empresário de Hamburgo que já mantinha relações comerciais com o Brasil e era proprietário de navios transatlânticos, tendo interesse em entrar no negócio da colonização. Em 1849, foi firmado o contrato que permitia que a Schroeder, através da Sociedade Colonizadora de Hamburgo (SCH), fundada por ele, pudesse colonizar uma determinada extensão das terras do príncipe de Joinville no Brasil, beneficiando financeiramente tanto os membros da SCH quanto o próprio príncipe (FICKER, 1965).

Vale ressaltar que já havia habitantes na província de Santa Catarina, como portugueses e seus descendentes, além de negros escravizados e libertos e os índios nativos da região. A ilha de Santa Catarina (atualmente Florianópolis), por exemplo, já contava com 20 mil habitantes, e a província como um todo tinha 80 mil

peessoas, sendo 60 mil destes habitantes brancos, perfil étnico que se intensificou com a vinda dos alemães². A grande maioria dessa população se concentrava, além da ilha, em uma faixa estreita no litoral, salvo alguns trechos do planalto. Assim, as terras negociadas pela SCH, situadas entre o litoral e o planalto, contavam com quase nenhuma estrutura, estando praticamente despovoadas, salvo por algumas comunidades indígenas guaranis e xoclenges, que muitas vezes entraram em conflito com os colonizadores, resultando no extermínio de muitos indígenas e isolamento dessas comunidades (FICKER, 1965).

Apesar de já haver um pequeno grupo de pessoas que chegou na região da Colônia Dona Francisca mais cedo para iniciar os trabalhos de infraestrutura, considera-se que a colonização começou oficialmente com a chegada de 118 imigrantes, sendo 75 suíços e 45 alemães. Vieram a bordo da barca Colon, que saiu de Hamburgo em janeiro de 1851 e chegou em março do mesmo ano. A data da chegada desta primeira leva de imigrantes é um marco histórico para a região, sendo considerada o aniversário de Joinville (FICKER, 1965).

Além destes primeiros imigrantes, também estavam a caminho da Colônia Dona Francisca 74 noruegueses que estavam sendo transportados pela Sociedade Colonizadora Hermann Liebich. Foram impedidos de seguir para a América do Norte, seu destino original, devido a avarias no navio. Treze deles, entretanto, decidiram aproveitar a viagem de volta da própria barca Colon para regressar à Europa. Os demais se fixaram na colônia, porém por um curto período de tempo. No ano seguinte a maioria foi para a América do Norte, restando apenas nove na região. Apesar disso, tiveram participação importante no desenvolvimento da colônia, já que muitos eram carpinteiros, ferreiros e pedreiros (FICKER, 1965).

O início dos trabalhos para construir a estrutura da colônia e torná-la produtiva foi muito árduo, com grandes dificuldades e desafios. Schindwein (2011) conta que na Europa tinha-se a visão de que o Brasil seria uma “terra prometida” paradisíaca, onde se encontraria liberdade, prosperidade e abundância. A construção dessa imagem era reforçada pela propaganda das Sociedades

² É importante esclarecer que neste período a Alemanha ainda não era oficialmente um país como conhecemos atualmente, havendo 39 estados independentes, que só foram unificados após as guerras franco-prussianas, em 1871. Contudo, para simplificar a leitura, optou-se neste trabalho por utilizar, mesmo ao falar de um período anterior, a denominação de “Alemanha” para a região onde ela veio a se formar posteriormente e de “alemães” para as pessoas provenientes destes estados que acabaram se unindo para a formação do Estado-nação alemão.

Colonizadoras e por relatos de viajantes que, apenas de passagem pelo Brasil, o descreviam como uma terra exótica e fantástica.

Apesar dos problemas, novas embarcações continuaram chegando da Europa trazendo mais colonos. Apenas naquele ano (1851) foram mais três levas de imigrantes, que chegaram a bordo das barcas Emma & Louisa, Gloriosa e Neptun. Assim, no final do ano de fundação, a colônia Dona Francisca contava com 389 habitantes. O número de pessoas que havia embarcado rumo à colônia era maior, ultrapassando 450, contudo, além dos colonos que decidiram não permanecer no Brasil, 10 pereceram durante a viagem e mais 45 morreram já na colônia, muitos deles em decorrência da epidemia de doenças como tifo e disenterias, que também foram um grande desafio para os primeiros colonos. Neste ano já havia nascido a primeira criança no local. Entre os imigrantes, a nacionalidade mais comum era a suíça, seguida pela alemã (FICKER, 1965).

Com o decorrer dos anos, continuaram partindo navios para a colônia Dona Francisca, que se tornava um destino mais atrativo para os europeus que desejavam emigrar conforme se desenvolvia economicamente e melhorava sua infraestrutura. Apenas entre 1850 e 1888 chegaram cerca de 17 mil pessoas vindas de diferentes partes da Europa, principalmente países germânicos, como Alemanha, Suíça, Bélgica, Noruega, Dinamarca, Holanda e Suécia (JOINVILLE, 2017).

Essa iniciativa da SCH, além de outras empresas similares, foi essencial para povoar o norte de Santa Catarina, onde se localiza Joinville, assim como outras regiões, entre elas o planalto norte (ligado à Joinville pela Estrada Dona Francisca e contendo cidades com forte presença da cultura germânica, como São Bento do Sul) e o Vale do Itajaí (não por acaso também chamado de Vale Europeu, que abriga as consideradas “cidades mais alemãs do Brasil” – Pomerode e Blumenau).

Este período da história de Santa Catarina foi determinante para moldar o perfil étnico do estado, que tem a população majoritariamente branca. Em uma publicação do IBGE (2007) que compara os censos de 1940 e 2000, o estado tem a maior porcentagem de população autodeclarada branca em ambas as pesquisas, em comparação com os demais estados brasileiros, chegando a 94,4% no censo de 1940. Com a intensificação das correntes migratórias internas no país, pessoas de diversas partes do Brasil se estabeleceram em Santa Catarina, trazendo mais diversidade, mas ainda assim a porcentagem de brancos no ano de 2000 continuava elevada, com 89,3%.

Assim como influenciaram a cor de sua população, as diferentes etnias que colonizaram o norte catarinense no século XIX atuaram na formação das cidades da região de diversas outras formas. As culturas que estes povos trouxeram consigo ao chegarem ao sul do Brasil permeiam até hoje diversos aspectos de cidades como Joinville, entre eles a própria identidade dos moradores, sua religião, a arquitetura da cidade, a culinária, as festas e a relação com a arte.

Mesmo ainda na Europa, muitos desses colonos, em especial os de origem germânica, já tinham o costume de associar-se em torno de atividades de lazer e interesses em comum. Esse hábito foi ainda mais significativo quando essas pessoas se encontravam distantes de seus países de origem, isoladas em uma terra estranha, como os imigrantes da colônia Dona Francisca. Em meio às dificuldades do início, os colonos encontravam em sua cultura e língua uma forma de fortalecer os laços entre os imigrantes de mesma origem. Também servia para promover um sentimento de identificação e pertencimento ao seu país natal, mesmo longe de seu território propriamente dito (SCHLINDWEIN, 2011).

Apesar de apontarem que, desde os primórdios, já havia disparidades no acesso a essas formas de entretenimento e socialização, Brepohl e Nadalin (2019) também destacam o papel importante da cultura dos imigrantes para a coesão social, através de diferentes práticas, como as artes, a ginástica e as festas.

Esse apego aos costumes poderia ser entendido pela necessidade que tinham os imigrantes de enfrentar a insegurança e o medo do desconhecido, que opunham com a necessidade de segurança, capaz de aplacar o receio, a inquietude e o temor, inclusive face a um novo meio ambiente. Daí o fato de que o “estabelecimento” imigrante recorria à comunidade, pelo auxílio mútuo propiciado pelos membros dos *Vereine*³ (incluída a Igreja) e pela cobertura etnocultural, capazes de tratarem o medo e a insegurança, reais ou imaginários (BREPOHL; NADALIN, 2019, p. 4).

Assim, além da infraestrutura básica que precisava ser construída, aos poucos os colonos passaram a criar também espaços para valorizar sua língua, arte e cultura, muitos dos quais foram conservados e estão ativos até hoje. Um desses locais que se perpetuou e continuou sendo peça importante no cenário cultural de Joinville é a Sociedade Harmonia-Lyra.

³ *Vereine* é uma palavra em alemão que pode ser traduzida como “Sociedades”.

Ela foi fundada em 1858, mas ainda era apenas a *Harmonie-Gesellschaft*, ou Sociedade Harmonia, que se dedicava à práticas artísticas, em especial ao teatro. Em 1899, quando a Sociedade Harmonia já estava consolidada na área cultural da cidade, foi criada uma associação dedicada à música, a Sociedade Musical Lyra. As sociedades Lyra e Harmonia passaram a realizar com frequência eventos conjuntos que integravam teatro, música e baile. Em 1922, as duas associações se fundiram oficialmente, gerando a Sociedade Harmonia Lyra. O prédio que abriga a associação até hoje (2020) foi inaugurado em 1930, e nele ocorreu um evento de grande importância para a dança na cidade: o primeiro Festival de Dança de Joinville, que será abordado no capítulo 4.

Devido à influência de acontecimentos históricos ao longo dos anos, como a Segunda Guerra Mundial e o Estado Novo, houve momentos em que essas sociedades e a própria cultura dos imigrantes foram desvalorizadas e até reprimidas, como ocorreu na política de nacionalização implementada por Getúlio Vargas. Apesar desses momentos de ruptura, continuaram surgindo novos grupos e espaços dedicados à convivência e socialização dos joinvilenses, especialmente através de práticas esportivas e das artes. Alguns de maior destaque são o Teatro Nicodemus, a Sociedade Cultural Lírica e a Sociedade Cultural Alemã de Joinville. Apesar de a presença de espaços criados por e para alemães e seus descendentes ser mais expressiva, havia pessoas de diversas origens neste contexto, portanto formaram-se também grupos para imigrantes de outras localidades, como o *Circolo Italiano di Joinville* (GÖRRESEN, 2007).

Percebe-se que desde os seus primeiros anos, Joinville foi desenvolvendo sua cena cultural e artística através do associativismo, promovendo eventos para a integração da comunidade e cultivo da cultura dos imigrantes. Entre os traços de sua cultura estão as danças folclóricas, até hoje praticadas nos grupos folclóricos como uma forma de remontar as tradições dos colonizadores.

Muito se discute sobre a autenticidade das danças apresentadas pelos grupos folclóricos e das festividades promovidas, questionando se elas realmente representam uma herança dos colonizadores. Herbers (2014) relaciona festas como a *Oktoberfest* de Blumenau e as práticas incluídas nela com o conceito de tradição

inventada⁴, pois apesar de serem relativamente recentes (a *Oktoberfest* e diversas outras foram criadas nos anos 1980), tenta-se criar uma imagem de continuidade com o momento histórico da colonização.

Existe um movimento de especialistas em folclore que fazem o esforço de buscar os registros originais das danças, fazendo uma mediação cultural de modo a reproduzir as danças folclóricas da forma mais autêntica possível. Na contramão desta tendência, existem grupos denominados parafolclóricos, ou mesmo “showclore”. Neste caso, as coreografias utilizam a base de passos e figuras do folclore germânico, contudo apropriando-se deles com mais liberdade, sem uma preocupação tão acentuada com a tradição e a autenticidade. (VOIGT, 2018).

Apesar de haver posições divergentes, o fato é que existem atualmente dezenas de grupos folclóricos, germânicos e de muitas outras etnias, ativos e influenciando o cenário cultural de Santa Catarina, com filosofias, métodos e intencionalidades diversas.

Santa Catarina tem um vasto calendário de festas, principalmente alemãs, mas também de outras nacionalidades, que acontecem em diversas épocas do ano, com destaque para o circuito de outubro. Apenas considerando cidades próximas temos vários exemplos: a Bierville, Festa do Colono e Festa das Tradições de Joinville, *Oktoberfest* de Blumenau (a maior e mais famosa), Festa do Imigrante de Timbó, Fenarreco de Brusque, *Schützenfest* de Jaraguá do Sul, *Schlachtfest* de São Bento do Sul, *Oberlandfest* de Rio Negrinho, Festa Pomerana de Pomerode, entre outras. Tais eventos podem atuar como fonte de incentivo e valorização para estes grupos folclóricos, sendo um palco para as suas apresentações, além de um local de aprendizagem e troca com outros grupos.

Essas festas se estendem muito além da comunidade de cada cidade, tornando-se importantes atrações turísticas. Schmidt e Vivan (2010) ressaltam que a vivência do turismo fundamentado no patrimônio cultural em cidades colonizadas por povos germânicos, além de movimentar diferentes setores da economia das cidades, contribui para a preservação deste patrimônio, assim como a construção de uma identidade social teuto-brasileira. Vale ressaltar que esse processo ocorre também em regiões colonizadas por outros povos, como portugueses, italianos e

⁴ O conceito foi utilizado por Eric Hobsbawn e Terence Ranger em seu livro *A invenção das tradições*. Devido à abrangência do objeto de estudo, não foi possível fazer a leitura desta obra para aprofundar o argumento de Herbers (2014) no âmbito desta monografia.

poloneses, formando assim uma identidade catarinense vinculada mais com elementos europeus que com a cultura considerada genuinamente brasileira.

4 O FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE

Nos voltaremos agora para o evento que foi o principal motivador do nome “cidade da dança”, assim como o título de Capital Nacional da Dança, este oficializado em 2016 pela Lei 13.314/2016, fruto de um projeto do deputado Marco Tebaldi, que já foi prefeito de Joinville.

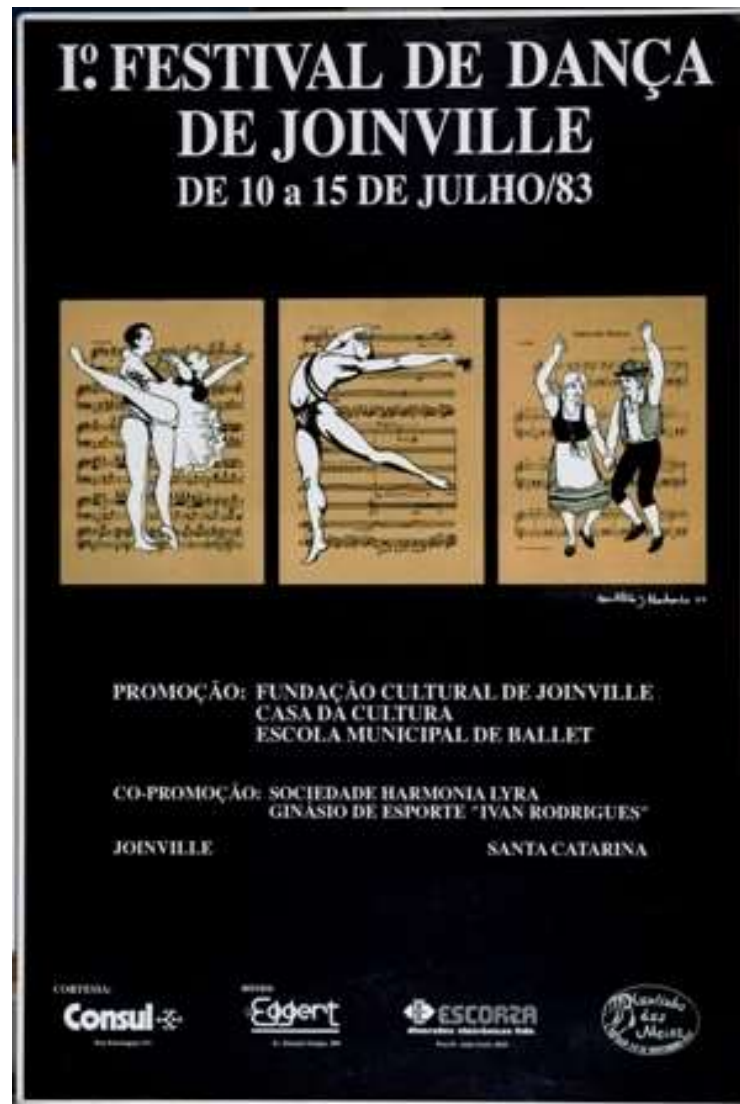
O Festival de Dança de Joinville (FDJ) já teve 37 edições, portanto não se deseja nesta monografia abordar os acontecimentos de todos os festivais ano a ano. Assim, este capítulo transcorrerá da seguinte forma: começando pela criação e primeiros anos, caracterizados pela boa vontade dos joinvilenses e dos profissionais da dança, depois descrevendo alguns acontecimentos importantes na transição para um festival mais profissional, e por fim apresentando o último FDJ que ocorreu até então, o de 2019, para apresentar uma ideia geral do que o evento se tornou e como ele funciona atualmente.

Dentro da Fundação Cultural de Joinville (FCJ), criada durante o primeiro mandato de Luiz Henrique da Silveira e presidida por Miraci Dereti, e envolvendo também agentes do cenário cultural, como Carlos Tafur e Albertina Tuma, surgiu a ideia de criar um evento que permitisse o intercâmbio entre escolas de dança da região. Iniciou-se um intenso trabalho de planejamento, elaboração dos regulamentos e divulgação, para que o primeiro FDJ pudesse ocorrer em 1983. Ninguém imaginava, contudo, a trágica enchente que se abateria sobre Santa Catarina, causando perdas materiais e humanas em diversas cidades, além de dificultar e muitas vezes impossibilitar o tráfego pelas estradas, fazendo com que sete grupos inscritos não conseguissem comparecer (BRAGA *et al.*, 1998).

Mesmo com este contratempo, a primeira edição do Festival foi um grande sucesso, até maior que o esperado. Na época era difícil imaginar que tantos bailarinos se reuniram em uma cidade do interior de Santa Catarina, importante para o estado, mas sem grande projeção fora dele, e muito ao sul das cidades que tinham (e, em grande parte, ainda têm) hegemonia no campo cultural: São Paulo e Rio de Janeiro. Deslocaram-se até Joinville 40 grupos, totalizando mais de 400

bailarinos⁵. O FDJ já começou como mais que um festival regional, tendo, além dos catarinenses, participantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná. Também havia grupos do Rio Grande do Sul inscritos, porém não conseguiram participar devido às enchentes (GEHLEN; BRAGA, 2012).

FIGURA 1 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO 1º FDJ (1983)



FONTE: Arquivo digital do IFDJ

Nesta primeira edição, as competições ocorreram em quatro categorias: clássico, jazz, moderno e folclore, subdivididos ainda em profissional e amador. A

⁵ Quanto ao número de participantes, foi encontrada discordância entre as fontes pesquisadas: os livros em comemoração aos 15 e aos 30 anos do FDJ apontam 400, mas o site do próprio festival relata a participação de cerca de 600.

imagem usada para divulgação, que se vê na figura 1, representava estes estilos. No desenho à direita, vê-se uma representação de trajes típicos alemães, fazendo referência à colonização da cidade. Na Joinville daquele tempo, a maioria dos grupos de dança ativos eram de fato de folclore alemão. Entretanto, a cidade tinha um histórico herdado dos imigrantes europeus de apreciação de artes como teatro, dança e música (esta última também representada no cartaz através das partituras). Assim, a oportunidade de assistir a outros estilos foi apreciada e aproveitada por muitos dos habitantes (GEHLEN; BRAGA, 2012).

As apresentações ocorreram na Sociedade Harmonia-Lyra, que, como já citado anteriormente, é uma das associações criadas pelos primeiros imigrantes alemães que perdurou e se estabeleceu como parte da vida cultural de Joinville. Foram cinco noites⁶ frias e chuvosas, o que não impediu que houvesse lotação máxima em todas as apresentações. Na noite de encerramento, com a reapresentação dos grupos vencedores, o local que tinha capacidade para mil espectadores acabou acomodando mil e trezentos, gerando confusão e grandes filas na entrada (GEHLEN; BRAGA, 2012).

Além da quantidade de espectadores, a sua euforia também surpreendeu. Chegou-se ao ponto de pedir que as pessoas no mezanino se contivessem, com receio de a estrutura do teatro não aguentar. Braga *et al.* (1998, p. 56) relatam que “o público, extasiado, aplaudia, batia os pés, gritava, comportava-se como uma torcida de futebol numa final de campeonato”. Tal reação é muito diferente do que geralmente se vê nas apresentações de dança cênica, que costumam ocorrer em ambientes mais formais, com rígidas normas de etiqueta. Essa empolgação e envolvimento do público, que acaba dando um espetáculo à parte, são até hoje características marcantes do FDJ.

A receptividade dos joinvilenses não se restringia, contudo, ao momento das apresentações. Os bailarinos, fossem profissionais ou amadores, eram tratados como estrelas por onde passavam. Nos hotéis, recebiam flores e chocolates. Devido à ainda pequena rede hoteleira e à falta ou precariedade dos alojamentos disponibilizados, muitas famílias se ofereceram para abrigar os bailarinos em suas casas, lhes tratando como se fossem da família. Era comum que os moradores oferecessem carona aos participantes do festival. Os bailarinos retribuía dançando

⁶ De 10 a 15 de julho de 1983.

em praças, bares e restaurantes. Esta ideia de levar a dança para os mais diferentes espaços perdura até as edições atuais, mas agora não só de forma espontânea, mas como parte oficial da programação do Festival. Outra forma de retribuição que os grupos vencedores encontraram foi a doação de seus prêmios em dinheiro para as vítimas das enchentes, além de a arrecadação com ingressos também ter sido destinada a esta causa (BRAGA *et al.*, 1998). Sobre este período, a professora Jô Braska Negrão, que anos depois participou da instalação da ETBB, relatou:

Quando cheguei, a primeira faixa que vi exposta em Joinville dava boas vindas aos bailarinos do Brasil. Aquilo deu-me a sensação de que alguma coisa nova estava surgindo, um sentimento especial e um belo acolhimento estavam nascendo. O que tínhamos naquele primeiro festival, e que não mudou ainda hoje, é a acolhida que a cidade nos dá. O festival existe, não só pelo horizonte cultural que o evento abre para todos, mas também pelo fato de a comunidade local ter se engajado por completo. A cidade tem um perfil parecido com a dança: é disciplinada, organizada, limpa, clara e inteligente. (GEHLEN; BRAGA, 2012, p. 217)

Outra prova deste engajamento foram as centenas de joinvilenses que trabalhavam de forma voluntária na organização do evento. O FDJ desde o princípio buscou ir além das competições, proporcionando um espaço de troca, aprendizado e aperfeiçoamento. Esse espírito voluntário também predominava entre os profissionais da dança, como professores, jurados e bailarinos profissionais, que ofereciam seus serviços recebendo apenas a hospedagem e passagem de ônibus, em viagens que poderiam levar muitas horas. Provavelmente, isso era aceito pois as pessoas já começavam a perceber que ali estava surgindo um evento com muito potencial, inédito e importante no campo da dança, e que seu sucesso seria benéfico para todos. É o que afirma a bailarina Toshie Kobayashi:

Na primeira vez, viajei de São Paulo a Joinville de ônibus comum. Nos dias do festival, dava aula e era jurada ao mesmo tempo. Eu tinha certeza de que o festival vingaria, por isso colaborei. Cheguei a dar aula doente. [...] O nível técnico era fraco, mas, a cada ano que passava, a qualidade do festival foi melhorando. A comissão técnica ajudou muito nessa evolução. Havia reuniões para avaliar os erros e propor mudanças para os anos seguintes. (BRAGA *et al.*, 1998, p. 57)

Muitos outros professores e bailarinos, entre eles Ana Botafogo, também comentam no livro de Braga *et al.* (1998) a evolução que foi ocorrendo ano a ano, tanto da organização do festival, quanto da performance das escolas participantes. Apontam-se vários fatores para a melhora dos grupos, desde o incentivo que acaba

sendo gerado pela competitividade entre as escolas, até a própria experiência do festival: o intercâmbio entre bailarinos e profissionais de diferentes locais, a oportunidade de assistir variadas coreografias e os cursos e aulas para aperfeiçoamento de professores e alunos.

O FDJ teve um crescimento muito rápido, com cada vez mais bailarinos e espectadores interessados em participar. Já em sua segunda edição, a Sociedade Harmonia-Lyra não comportava mais o tamanho do evento, que passou a ser feito em uma estrutura montada no Ginásio Ivan Rodrigues, além de aumentar sua duração para sete dias⁷. Assim, as apresentações do FDJ passaram a comportar quatro mil espectadores, quadruplicando a capacidade de um ano para o outro (GEHLEN; BRAGA, 2012).

O ambiente improvisado em um ginásio esportivo tinha diversas limitações que dificultavam o trabalho dos bailarinos e coreógrafos. Por outro lado, com o local mais informal a plateia se sentiu ainda mais livre para suas manifestações calorosas que já tinham chamado atenção no ano anterior. Obtendo maior cobertura por parte de veículos de mídia de abrangência nacional, o evento continuou a crescer vertiginosamente (BRAGA *et al.*, 1998).

Vale ressaltar que, nestes primeiros anos, o FDJ ainda tinha muitos problemas técnicos, de regulamento e de organização. A melhoria nestes aspectos, ano a ano, se dava em grande parte pela colaboração de diretores de escolas de dança, professores e bailarinos de diversas partes do país, que se deslocavam até Joinville fora do mês em que ocorria o festival para reunir-se e colaborar propondo soluções. (BRAGA *et al.*, 1998, p. 68).

Com o crescimento do evento, ficava cada vez mais clara a necessidade de uma gestão mais profissional e uma estrutura mais bem preparada, condizente com o porte do FDJ. Um passo importante nesse sentido ocorreu quando Luiz Henrique da Silveira era novamente prefeito de Joinville. No mês anterior ao décimo sexto FDJ, junho de 1998, foi inaugurada a nova “casa” do festival: o Centreventos Cau Hansen. De acordo com a descrição de Gehlen e Braga (2012, p. 237-238), o Centreventos tratava-se de uma

⁷ De 7 a 13 de julho de 1984.

megaestrutura inédita no país, com capacidade para abrigar até seis mil pessoas. Para embalar e iluminar os espetáculos, o sistema de som e luz dispõe de 300 refletores e sonorização com 50 mil watts de potência. Três telões nas laterais e acima do palco aproximavam os detalhes de cada movimento para o público mais distante. [...] A maquinaria e backstage comportam grandes produções. [...] A nova estrutura, com mais de cinco mil m², conta com um palco de 1200 m², praça de alimentação, coxias e salas de apoio. O complexo seria, posteriormente, acrescido do Teatro Juarez Machado, com 500 lugares e palco de 200 m²; do Expocentro Edmundo Doubrawa, pavilhão de 4060 m², que passa a abrigar a Feira da Sapatilha; e o Centro de Convenções Alfredo Salfer, com mais onze salas de apoio.

FIGURA 2 - CENTREVENTOS CAU HANSEN (DIREITA) E EXPOCENTRO EDMUNDO DOUBRAWA (ESQUERDA, AO FUNDO)



Fonte: Hotel Bavarium

Outra transição importante foi viabilizada pela Reforma do Estado Brasileiro, realizada sob o mandato de Fernando Henrique Cardoso em 1998, que abriu a possibilidade de criar Organizações Sociais (OS) para prestar serviços de interesse público, envolvendo atividades relacionadas ao ensino, pesquisa, saúde, meio ambiente e, como é o caso do FDJ, à cultura. Zimmermann e Fadul (2017, p. 141) explicam que as OS são “um tipo de entidade não estatal, não voltada para o lucro, que é gerida de forma mista pelo mercado, pelo Estado e, principalmente, pela sociedade”. Essas instituições atuam como um ponto intermediário entre a administração pública e a privada, com o intuito de realizar ações para a comunidade que caberiam ao poder público, mas evitando a burocracia e lentidão

geralmente presente nos órgãos públicos, aumentando assim a eficiência e qualidade dos serviços.

A transição da administração pública para privada sem fins lucrativos (ou seja, uma OS) é denominada publicização. No FDJ, ela se iniciou ainda em 1998, através da criação do Instituto Festival de Dança de Joinville (IFDJ), que organiza até hoje todos os festivais desde 1999. Tratou-se, entretanto, de um processo: nos primeiros anos, o IFDJ ainda era ligado à FCJ, mas foi gradualmente ganhando mais autonomia na administração do evento e angariação de recursos, até que em 2007 foi de fato transformado em uma OS, através da abertura para a sociedade civil. O processo de publicização foi concluído em 2010, quando, após ajustes no estatuto, foi formalizado o contrato entre a prefeitura de Joinville e o IFDJ para a realização do festival (ZIMMERMANN; FADUL, 2017).

Zimmermann e Fadul (2017) consideram que a nova estrutura organizacional deu a agilidade necessária à gestão do festival, ajudando a progressivamente melhorar algumas deficiências das edições anteriores e suprir as crescentes demandas do evento. Os autores ressaltam também que o IFDJ, como uma OS, apesar de ter sua independência, deve continuar prestando contas ao governo e ter como objetivo prestar o melhor serviço público à população.

Abordando o aspecto financeiro, o patrocínio de empresas privadas através de leis de incentivo fiscal foi importante ao longo dos anos. Em 1991, este tipo de financiamento foi potencializado pela promulgação da Lei de Incentivo à Cultura, também chamada de Lei Rouanet, que vigora até hoje. Com a transição para a administração do IFDJ, 1999 foi o primeiro ano em que não foram utilizados recursos da prefeitura de Joinville. Isso foi possível combinando os recursos captados pela Lei Rouanet com a arrecadação própria do evento, através de inscrições, ingressos, cursos e venda de produtos do festival. Este modelo de arrecadação se mantém até as edições mais atuais (GEHLEN; BRAGA, 2012).

Nesta nova fase, o FDJ seguiu prosperando e agregando novidades ao evento. Em 2000, passou a ocorrer no Teatro Juarez Machado o Festival Meia Ponta, com apresentações de crianças a partir de seis anos. No ano seguinte foi criada a Mostra Contemporânea, que primeiramente ocorria no Centreventos após as noites competitivas e em edições posteriores migrou também para o teatro anexo. A iniciativa de levar palcos com programação gratuita para locais públicos da cidade continuou se expandindo, e em 2002 havia 22 palcos em locais diferentes pela

cidade, já com seleção prévia para participar das apresentações. Em 2003, a Feira da Sapatilha, que ocorria desde 1998, foi transferida para o recém inaugurado Expocentro Edmundo Doubrawa, um pavilhão ao lado do Centreventos, tendo espaço e estrutura para crescer e atrair cada vez mais empresas do ramo da dança e bailarinos para consumir seus produtos (OLIVEIRA, 2008).

A veia educacional do FDJ se desenvolveu muito ao longo dos anos, com cursos cada vez mais numerosos e diversificados, atraindo também visitantes que se deslocavam para Joinville especialmente para participar dos cursos. Outra iniciativa didática, instituída a partir de 2004, foi a oportunidade dos grupos ouvirem as críticas e orientações dos jurados, configurando mais uma possibilidade de aprendizado e aperfeiçoamento.

Para fazer um retrospecto das transformações ocorridas no FDJ, trazemos uma fala da crítica de dança Suzana Braga, que já fez parte do Conselho Artístico do FDJ e é coautora dos livros em comemoração aos 15 e 30 anos do evento, em entrevista para a dissertação de Oliveira (2008, p. 115), que resume bem a evolução do evento descrita no decorrer deste capítulo:

“Hoje o festival é uma máquina muito bem administrada, é um negócio empresarial que pode beneficiar a uma farta gama de profissionais. Nada se pode ter contra isso. É assim que o mundo caminha e, se a máquina anda certo e gera bom produto, nós todos estaremos nos beneficiando com isto. Quero dizer: se o festival capta e gera lucros, pode contemplar uma boa fatia do mercado profissional do País. Professores, jurados e artistas convidados encontram hoje no Festival de Dança de Joinville um conforto e uma remuneração dignos que não acontecem em qualquer lugar. Na verdade, este festival já passou por três fases. A primeira, apaixonada, quando tudo contribuía, praticamente sem remuneração, para que o evento vingasse. Dessa fase, da qual ninguém se arrepende, ficou o núcleo, a semente do festival atual. A segunda fase foi nebulosa e já nasceu pedindo transformação. Foi a fase mordômica do festival, muitos camarotes, muita boca-livre, poucos ganhando muito e muitos ganhando pouco. [...] Finalmente, de uns seis anos para cá, o Festival de Joinville ficou adulto. Virou um negócio sério, tirou os vícios das "figurinhas carimbadas", diversificou seus jurados e professores, pensou, trabalhou, formatou e vingou. Então pode-se dizer que o festival, finalmente, chegou à maioridade e se emancipou. O formato deste já parece bem próximo do ideal. Posso enumerar alguns dos erros e acertos: a organização enxugou as mordomias e garantiu a qualidade e a dignidade de cada profissional que trabalha. [...] Na infra-estrutura artística também o festival ficou adulto, deve-se ressaltar a importância do conselho artístico do evento. Esses profissionais trabalharam muito e com competência para aparar arestas, limpar os excessos, aprimorar a qualidade, enxertar idéias novas etc. Muito boa também a idéia do Meia Ponta. As crianças tiveram o espaço merecido, numa mostra interessante e saudável. Outra ótima idéia é da Mostra Contemporânea, que, se a princípio recebeu narizes torcidos de grupos convidados, hoje é muito disputada e traz a nata dos coreógrafos da atualidade.”

Com o intuito de evidenciar o crescimento do evento com o decorrer dos anos e novidades incluídas em edições mais recentes, focaremos a partir de agora na programação e funcionamento do 37º FDJ, de 2019, o último que havia sido realizado no momento em que este trabalho foi escrito. Ele ocorreu de 16 a 27 de julho, alcançando um público de cerca de 270 mil espectadores (IFDJ, 2020). Sua campanha publicitária foi estrelada por Kamila Abreu, catarinense da cidade de São José formada pela ETBB, que na época era bailarina da companhia jovem da escola, além de integrar seu corpo docente, lecionando para a primeira série, e hoje trabalha nos Estados Unidos, na Companhia da Florida (ETBB, 2018).

FIGURA 3 - CARTAZ DE DIVUGAÇÃO DO 37º FDJ (2019)



Fonte: acervo digital do IFDJ

O evento mantém a tradição de trazer uma companhia convidada para a Noite de Abertura no início do evento, e reunir os vencedores de cada categoria na Noite dos Campeões, ao final das competições. Ambas têm os ingressos esgotados rapidamente todos os anos. Quanto às categorias, novos estilos de dança foram sendo adicionados ao longo das edições, conferindo mais pluralidade ao festival. Em 2019 os estilos foram Ballet clássico de repertório, Ballet neoclássico, Danças populares, Danças Urbanas, Dança contemporânea, Jazz e Sapateado. Cada estilo tem as categorias Júnior ou Sênior, que podem ser solo, duo ou conjunto. A Mostra Competitiva contou com 277 coreografias, selecionadas pela Curadoria Artística dentre as 3361 inscritas (AN, 2019).

No âmbito educacional, foram oferecidos 95 cursos práticos ou teóricos de diversas áreas, somando mais de três mil vagas. Parte deles ocorreu no Saltare Centro de Dança, inaugurado pelo IFDJ no ano anterior. O espaço, a 650 metros do Centreventos, era uma escola e foi reformado para atualmente abrigar várias salas de dança que são usadas também fora do período do festival, além de uma biblioteca dedicada à dança e espaço para exposições. Outro evento do FDJ criado recentemente, em sintonia com os novos ritmos em ascensão, foi o K-pop⁸ Joinville Festival. O festival de K-pop fez parte de um conjunto de atividades chamado de +Dança, que também incluía diversos workshops, palestras, entre outros, que ocorreram tanto no Saltare quanto em outros ambientes (AN, 2019).

Nos Palcos abertos, foram mais de mil e setecentas coreografias apresentadas gratuitamente em diversos pontos da cidade. Há algumas variações de locais no decorrer dos anos - em 2019 foram três shoppings (Garten, Mueller e Cidade das Flores), o Ginásio Abel Schultz, o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU) do bairro Aventureiro, o Museu de Arte de Joinville, a Feira da Sapatilha e até um palco em uma cidade próxima: Barra Velha. Também foram organizadas visitas a cinco hospitais (AN, 2019). Além destes palcos e do tradicional Festival Meia Ponta, outras mostras de dança paralelas à mostra competitiva foram criadas. A Mostra Estímulo tem o intuito de valorizar os trabalhos elaborados pelos grupos que se destacaram nas edições anteriores. O *Work in Progress* é uma vivência imersiva de

⁸ Abreviação para *Korean pop*, o *K-pop* é um gênero musical originado na Coreia do Sul, criado pela modernização do estilo musical tradicional coreano a partir de referências ocidentais. Através da internet, o gênero vem se tornando mundialmente conhecido. Criou-se toda uma cultura do *K-pop* que vai além da música em si, envolvendo a moda e também a dança, já que os videoclipes têm como característica coreografias elaboradas, que são praticadas pelos fãs.

dez dias, em que os bailarinos participam de um processo criativo que resulta em um espetáculo aberto ao público. A Mostra Arte para Todos é voltada a iniciativas que desenvolvam a dança de forma inclusiva, abrindo oportunidades para que idosos e pessoas com deficiência participem dos Palcos Abertos (IFDJ, 2020).

Com a estrutura do Expocentro e o crescimento do próprio festival, a Feira da Sapatilha passou a atrair cada vez mais empresas e se tornou a maior do setor no Brasil, sendo um polo para lançamentos de novos produtos e coleções. Atualmente ela reúne as maiores marcas de itens de dança, como Capezio, Só Dança, Bloch, Evidence, Ballare, Ana Botafogo, entre outras. Na última edição, em 2019, foram mais de 120 expositores de diferentes produtos e serviços, assim como artesanato e opções de alimentação (JUSTINA, 2019).

Entre os dias 21 de julho e 1º de agosto de 2020 teria ocorrido o 38º FDJ, mas o evento foi cancelado devido à pandemia de coronavírus, sendo decidido que ocorrerá apenas na data que estava prevista para o próximo festival: 20 a 31 de julho de 2021. A organização chegou a adiar para janeiro de 2021, mas concluiu-se que não seria possível devido à imprevisibilidade da situação da pandemia a longo prazo, ainda mais se tratando de um evento nacional, já que diferentes estados do país podem estar em graus muito diferentes de propagação do vírus, gerando um risco muito alto. Já mencionamos a importância do FDJ para o turismo da cidade, assim o cancelamento do evento acabou agravando ainda mais a situação já desfavorável deste setor no cenário da pandemia. A área da dança em si também foi fortemente afetada, desde as escolas de dança até as companhias profissionais e produtores de eventos de forma geral. 2020 foi o primeiro ano em que o FDJ não foi realizado desde sua criação em 1983 (MORRIESEN, 2020b).

Para compensar o cancelamento do FDJ, ocorreu em 2020 o primeiro Web Dance Festival. O festival gratuito e totalmente online contou com a participação de quase 18 mil pessoas, com 1406 coreografias cadastradas. Os vencedores ganharam prêmios em dinheiro, vales compras e vagas para participar dos Palcos Abertos na próxima edição. Outro projeto iniciado devido à pandemia foi “A dança não pode parar”, uma ação com o objetivo de arrecadar dinheiro para dar auxílio financeiro a escolas de dança com dificuldades (IFDJ, 2020).

Quando ocorrer o próximo FDJ a estrutura anexa ao Centreventos contará com uma novidade, que também se tornará uma nova atração turística e cultural para a cidade: o Museu da Dança de Joinville. O projeto existe desde 2014, e

apenas anos depois foi viabilizado pela iniciativa privada. As obras ficaram prontas em 2020, em meio à pandemia de COVID-19. Assim, ele abrirá as portas para o público quando forem flexibilizadas as regras de controle da propagação do vírus. O museu conta com dez salas contendo diversos itens relacionados à dança, como figurinos e representação de cenários, além de atrações interativas e uma sala inteiramente dedicada ao Festival de Dança de Joinville (MORRIESEN, 2020c).

5 A ESCOLA DO TEATRO BOLSHOI NO BRASIL

A instalação da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil (ETBB) em Joinville foi um marco para história da dança na cidade e também no país. O Ballet Bolshoi de Moscou está entre as companhias mais prestigiadas do mundo, e sua escola na Rússia já formou várias estrelas do balé mundialmente conhecidas. Neste capítulo, primeiramente tratamos do processo de surgimento da escola, identificando os principais agentes envolvidos na negociação entre Brasil e Rússia. Depois, descrevemos o funcionamento atual da escola.

A Escola do Teatro Bolshoi no Brasil (ETBB) foi inaugurada em 15 de março de 2000, mas sua história começou a ser desenhada cinco anos antes, em Moscou. Em 1995, Alexander Bogatyrev, então diretor artístico do Teatro Bolshoi, esboçava o projeto de reproduzir em outra nação as mesmas características da formação da Escola Coreográfica de Moscou (nome dado à escola do Ballet Bolshoi na Rússia), de modo a oportunizar que mais pessoas tivessem acesso à metodologia russa, também chamada de Método Vaganova (ETBB, 2020).

Em 1996, a Companhia do Teatro Bolshoi realizou uma turnê pelo Brasil. A princípio os bailarinos russos se apresentariam em quatro capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre. Luiz Henrique da Silveira (LHS), que havia assistido e ficado impressionado com a companhia durante outra turnê, na cidade de Brasília, tinha interesse trazê-la para dançar em Joinville, considerando que o FDJ já era um evento estabelecido, caminhando para a décima quarta edição. Juntamente com o então secretário de cultura, Edson Busch Machado, iniciaram as negociações⁹.

Assim, o Ballet do Teatro Bolshoi de Moscou foi a atração da noite de abertura do 14^o Festival de Dança de Joinville (1996). A grande expectativa pela atração internacional, com ingressos esgotados uma semana antes das apresentações, causou também problemas, que expuseram deficiências que ainda existiam na estrutura e organização do Festival. Foram vendidos mais ingressos que o Ginásio Ivan Rodrigues, que na época recebia as apresentações, podia comportar.

⁹ A reportagem usada como fonte descreve a figura de Luiz Henrique da Silveira nessa negociação como “então prefeito” de Joinville. Entretanto, este FDJ foi em julho de 1996, e LHS só concorreu às eleições em outubro daquele ano e assumiu no ano seguinte. Levando isso em conta, concluímos que deve ter havido um erro na reportagem, e que LHS participou das negociações, mas ainda como deputado federal pelo estado de SC, ao invés de prefeito de Joinville.

Houve tumulto e superlotação, com pessoas sentadas no chão pelos corredores, e mesmo assim cerca de 280 pessoas que haviam adquirido o ingresso não puderam entrar e ficaram protestando com revolta no lado de fora do ginásio. Levantou-se a suspeita de que teria havido falsificação de ingressos, o que não chegou a ser comprovado (BRAGA *et al.*, 1998).

Apesar deste problema, o público que pôde assistir à apresentação foi muito receptivo à companhia, reverenciando sua arte de forma participativa e apaixonada, como já era costume no festival, o que impressionou os visitantes russos. Gehlen e Braga (2012) consideram que a instalação da ETBB anos depois foi consequência direta dessa participação do Ballet Bolshoi no FDJ. Além da boa impressão que tiveram do público, foi também neste dia que os russos conheceram Luiz Henrique, que aproveitou a oportunidade para realizar as primeiras negociações sobre o projeto (ASSIS, 2020).

Seguiu-se então um período de negociação para formalizar os termos que ambas as partes deveriam seguir para a instalação da escola, o que envolveu várias viagens de Luiz Henrique para a Rússia. Em 1998, Bogatyrev faleceu, mas o esboço do projeto já estava concluído, e o acordo com LHS teve continuidade através do sucessor no cargo de diretor do Bolshoi: o consagrado bailarino Vladimir Vasiliev.

Gehlen e Braga (2012) destacam mais dois agentes que, juntamente com LHS, foram importantes para viabilizar a instalação da Escola em Joinville: Jô Braska Negrão e seu marido Antônio João Ribeiro Prestes, geralmente chamado apenas de João Prestes. Ela já possuía renome na área da dança, e ambos já haviam morado na Rússia e tinham maior proximidade com aquela cultura, fazendo uma mediação entre as partes.

Em relação às instalações necessárias para um projeto deste porte, a prefeitura de Joinville resolveu dois problemas em um só local. Já sentia-se a necessidade de um espaço melhor preparado para receber o FDJ, que tomava proporções cada vez maiores e ainda era realizado em um ginásio de esportes. Com este fim, o Centreventos Cau Hansen foi inaugurado em 1998. Considerando que a ideia de trazer o Bolshoi para o Brasil estava sendo articulada por LHS desde 1996, é possível que a megaestrutura já tenha sido planejada com a intenção abrigar também a ETBB, mas não encontramos fontes que comprovassem ou refutassem essa hipótese. O fato é que foram necessárias apenas reformas para que o Centreventos pudesse receber a Escola. Quanto à parte financeira, Luiz Henrique

afirma que o investimento necessário foi de um milhão e meio de reais, que foi captado junto ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), ao Ministério da Cultura (através da Lei Rouanet) e à Caixa Econômica Federal, contando também com a contribuição da iniciativa privada (MURAUSKAS, 2000).

Entretanto, não só a situação financeira no Brasil pode ter influenciado a decisão dos russos. Na época da criação da ETBB, o Teatro Bolshoi em Moscou estava passando por dificuldades financeiras, precisando arrecadar fundos para a restauração de seu histórico prédio, o que incluiria também uma modernização. Dado o peso cultural da instituição, houve uma campanha mundial organizada pela UNESCO para conseguir doações. É possível que a abertura da filial tenha sido mais uma maneira de arrecadar dinheiro para o Bolshoi da Rússia, já que, em entrevista, Vasiliev afirmou que o contrato incluía um pagamento pelo direito de criar a escola, mas que ele não podia revelar o valor¹⁰ (MURAUSKAS, 2000).

A Escola é enfim inaugurada em 15 de março de 2000, contando com a presença de Vladimir Vasiliev e Luiz Henrique da Silveira, ambos considerados os patronos fundadores da instituição (ETBB, 2020). Neste ano a Escola comemora duas décadas de funcionamento, acumulando muitos bailarinos formados, intercâmbios com a sede russa, apresentações pelo Brasil e no exterior, e diversas atividades culturais e educacionais.

Consideramos que não há a necessidade de descrever toda a evolução da Escola durante seus 20 anos. Para dar um panorama do que ela se tornou, este capítulo se destinará a partir de agora a dar uma descrição geral do funcionamento atual da Escola, desde sua estrutura, financiamento e método de ensino até seu caráter social e as ações voltadas para a comunidade joinvilense. A principal fonte utilizada foi o Relatório de Atividades da ETBB (BUENO, 2020), publicado anualmente pela própria instituição, como uma forma de mostrar seu trabalho à comunidade e aos apoiadores. O documento utilizado foi do ano de 2019, pois era o mais recente disponível no momento em que foi realizada esta pesquisa.

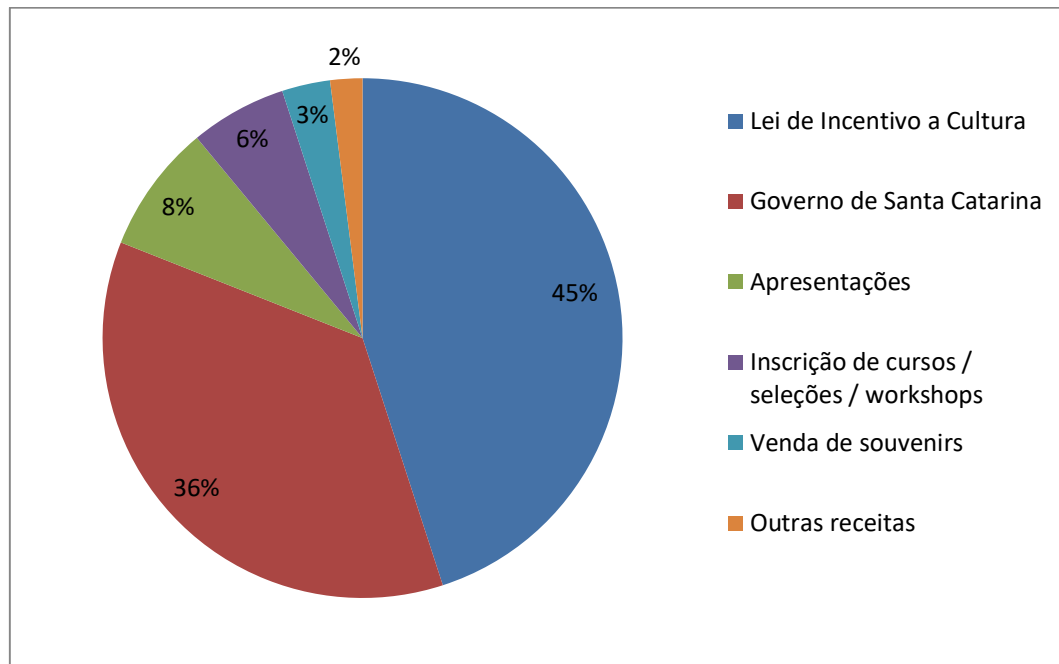
Já comentamos anteriormente alguns dados principais sobre o Centreventos em si: uma megaestrutura multiuso, que abriga desde eventos esportivos até o FDJ. A ETBB, anexa a ele, também conta com um grande espaço, bem equipado para

¹⁰ Uma reportagem do Fantástico em 28 de novembro de 2004 afirmou que haveria o pagamento de *royalties* pelo direito ao uso da marca Bolshoi, consistindo em um valor anual de 120 mil dólares, além de despesas relativas aos professores e pianistas russos que vieram trabalhar na ETBB.

poder abrigar todos os recursos necessários para cumprir a grade curricular da escola. Trata-se de uma área de seis mil metros quadrados, com doze salas para aulas de dança, duas para aulas teóricas, dez estúdios de piano e percussão, três espaços culturais, seis vestiários, laboratório cênico, sala de ginástica, núcleo de saúde, ateliê, biblioteca com laboratório de informática, cantina e espaços administrativos (ETBB, 2020a).

A ETBB é uma instituição com personalidade jurídica, de direito privado, sem fins lucrativos. Seu financiamento se dá através do apoio governamental, de empresas privadas e também de pessoas físicas. No ano de 2019, o governo de Santa Catarina foi responsável por 36% dos recursos. A maior parte do financiamento (45%) vem através de leis de incentivo fiscal a nível municipal, estadual e federal, principalmente a Lei de Incentivo a Cultura, também chamada de Lei Rouanet, que permitem que parte do imposto de renda que seria pago ao governo seja redirecionado diretamente para a escola. As empresas que apoiam o projeto são chamadas de Amigos do Bolshoi, que têm classificações em Diamante, Ouro, Prata, Bronze e Sapatilha, de acordo com a quantia doada. O patrocinador diamante durante o ano de 2019 foi a Caixa Econômica Federal. Whirlpool, Zurich, Santander e União Química estão na categoria ouro. Ainda há mais cinco empresas classificadas como prata, oito como bronze e 24 como sapatilha. Também há Amigos que contribuem prestando serviços, como fotógrafos, cabeleireiros, professores de yoga e pilates, podólogos, advogados, psicólogos e médicos, entre outros. A instituição também gera receitas próprias, que cobrem 17% do orçamento. São elas: ingressos de apresentações (8%), inscrições em cursos e workshops promovidos pela escola, além da própria seleção dos alunos (6%) e, por fim, da venda de produtos da ETBB, como roupas e demais *souvenirs* (3%) (BUENO, 2020).

GRÁFICO 1 - FINANCIAMENTO DA ETBB EM 2019



Elaborado pela autora. Fonte: Relatório de Atividades da ETBB em 2019 (BUENO, 2020).

Atualmente a ETBB oferece três cursos reconhecidos pelo MEC: curso básico em dança clássica, curso técnico de nível médio em dança e curso técnico de nível médio em dança clássica. O aluno que completa os oito anos de formação conforme o esperado sai graduado em todos eles. Além das aulas de dança clássica, a grade curricular dos cursos também contém dança contemporânea, dança a caráter, dança popular histórica, danças brasileiras, dueto, educação musical, ginástica acrobática, ginástica específica, história da arte, história da dança, iniciação à pesquisa, literatura musical, piano, prática cênica, repertório, rítmica e teatro. De segunda a sexta, as crianças frequentam a escola regular em um turno e passam o outro turno cursando estas disciplinas na ETBB (ETBB, 2020a).

Essa formação intensa e completa gera bailarinos competentes e versáteis, com alto grau de empregabilidade no competitivo mercado da dança. Ao longo de sua história, a ETBB formou 377 alunos, dos quais 75% estão empregados na área da dança. 170 atuam no Brasil, os demais estão espalhados pelos cinco continentes, em 23 países. Os países estrangeiros com mais ex-alunos da ETBB são os Estados Unidos da América, com 18 bailarinos, a Rússia, com 23, e a Alemanha, com 29 ex-alunos. Alguns nomes que alcançaram destaque nas companhias em que trabalham são Jovani Furlan, joinvilense que atualmente dança no *New York City Ballet*,

Amanda Gomes, na Ópera de Kazan, na Rússia, e Erick Swolkin e Bruna Gaglianone, ambos no Teatro Bolshoi de Moscou (BUENO, 2020).

Além do ensino de excelência, outro fator que influencia o sucesso dos bailarinos formados na Escola, antes mesmo de se tornarem alunos, é o criterioso processo de seleção para o preenchimento das vagas. De forma similar a uma peneira esportiva, são selecionadas as crianças com o tipo físico, capacidades e habilidades mais condizentes com o balé clássico, e que dessa forma se desenvolverão com mais facilidade e terão maiores chances de sucesso profissional. São realizadas pré-seleções por diversas cidades em todo o Brasil, e os candidatos com mais potencial são indicados para a seleção nacional, na sede da Escola.

Para as crianças de nove a onze anos de idade, que tentam o ingresso na primeira série, sequer é exigida experiência em dança. A primeira etapa da seleção é denominada médico-fisioterápica, na qual “são analisadas musculatura, articulações, habilidades físicas, motoras, percentual de massa corpórea, somatotipo e flexibilidade”. Os candidatos que passam nessa primeira avaliação realizam a etapa artístico-musical e cognitiva, que avalia “quesitos de musicalidade, projeção cênica e desempenho intelectual”. Os candidatos mais velhos entram em séries mais avançadas, ocupando vagas remanescentes, e desse modo precisam de um conhecimento de dança compatível com os alunos da série em que desejam entrar. O processo de seleção, que passa a ser chamado de audição, além da avaliação física passa a incluir uma aula de balé clássico, com crescente complexidade conforme se avança nas séries (ETBB, 2020a).

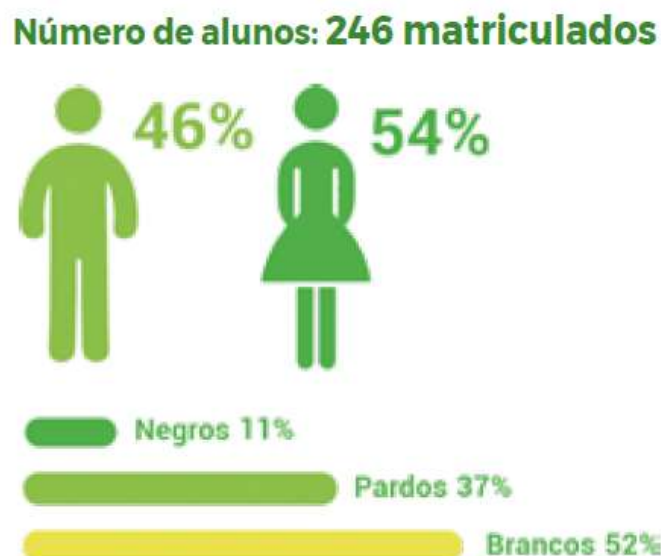
A primeira seleção da ETBB ocorreu antes da inauguração da escola, com alunos das escolas públicas de Joinville. Com as pré-seleções pelo Brasil e a consolidação da Escola, as seleções foram se tornando cada vez mais concorridas. No ano de 2013 foram registrados 50 candidatos por vaga, e em 2018 foi atingido em novo recorde de inscrições, chegando a uma concorrência de 120 candidatos por vaga (ETBB, 2020b). Em 2019, ocorreram 121 pré-seleções em cidades brasileiras, de modo que 14 estados brasileiros estavam representados na seleção, havendo também candidatos da Argentina e Paraguai. A seleção nacional, juntamente com a audição, teve 5301 inscritos, resultando em uma concorrência de 96 candidatos por vaga (BUENO, 2020).

Atualmente, todos os alunos do Bolshoi Brasil são bolsistas, tendo acesso aos oito anos de formação de forma completamente gratuita. A ETBB sempre foi uma

instituição sem fins lucrativos, mas no princípio cobrava mensalidade de parte dos alunos para ajudar a cobrir os gastos. Isso mudou no ano de 2012, a partir do qual todos os alunos passaram a receber bolsa integral (ETBB, 2020b). Além do estudo, incluindo todas as matérias já citadas, os alunos ainda recebem diversos outros benefícios, como uniformes, figurinos, material didático, alimentação complementar, assistência nutricional, transporte, avaliação física periódica, atendimento fisioterápico, assistência odontológica, orientação pedagógica, assistência social, reforço escolar e apoio psicológico (ETBB, 2020a). Devido ao ensino gratuito, a instituição consegue promover um pouco mais de diversidade e inclusão social em um estilo de dança tradicionalmente elitizado. Para demonstrar isso, descreveremos como era o perfil dos 246 alunos matriculados no Bolshoi Brasil no ano de 2019, o mais recente do qual conseguimos obter informações detalhadas.

Entre os alunos, 33% são crianças (8 a 11 anos), 64% adolescentes e 3% têm mais de 18 anos. Considerando o quanto o balé clássico tornou-se predominantemente feminino ao longo dos anos, já é notável que a escola tenha grande quantidade de meninos, representando 46% do corpo discente. Outra problemática no balé, que vem começando a ser discutida recentemente, é o predomínio de pessoas brancas e o racismo que sofrem os bailarinos negros que buscam se inserir nesse meio. Na ETBB, 52% dos alunos são brancos, enquanto 37% são pardos e 11% são negros (BUENO, 2020).

GRÁFICO 2 - GÊNERO E COR DOS ALUNOS DA ETBB EM 2019



Fonte: Relatório de Atividades da ETBB em 2019 (BUENO, 2020)

A proporção de alunos pretos e pardos na Escola é maior que a registrada no próprio estado de Santa Catarina. Isso ocorre pois a ETBB tem abrangência nacional, atraindo alunos de várias partes do Brasil para sua seleção. Em 2019, estavam representados nos alunos 22 estados brasileiros, além da Argentina e do Paraguai. O fato de os alunos virem de lugares distantes muitas vezes acaba causando dificuldades para as famílias. Muitas deixam suas cidades de origem e se mudam para Joinville para acompanhar a criança. No caso de 42% dos alunos, nem todos os integrantes da família conseguem se mudar, deixando a estrutura familiar comprometida. Outros 28% não conseguem que nenhum familiar se mude com a criança. Para estes casos, o Bolshoi Brasil organiza uma rede de “famílias sociais”. Tratam-se de famílias de Joinville, ou famílias que se mudaram para Joinville para acompanhar alunos da ETBB, que se dispõem a acolher alunos que vieram sozinhos para Joinville e cuidar deles ao longo do período letivo (BUENO, 2020).

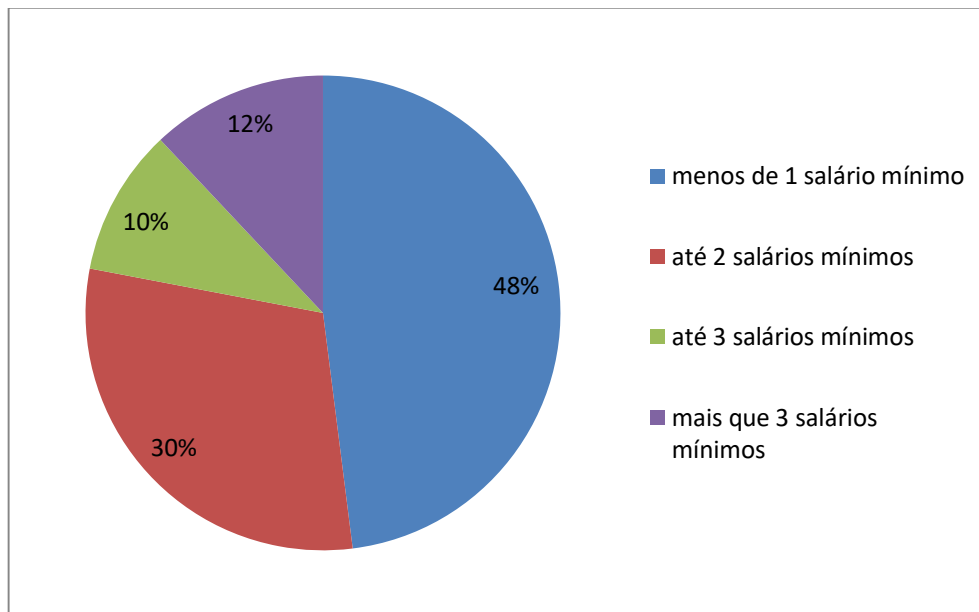
FIGURA 4 - LOCAIS DE ORIGEM DOS ALUNOS DA ETBB EM 2019



Fonte: Relatório de Atividades da ETBB em 2019 (BUENO, 2020).

Quanto à renda familiar para o sustento dos estudantes, Bueno (2020) relata que 48% deles vivem com menos de um salário mínimo, 30% com até dois salários, 10% com até três e 12% com mais de três salários mínimos. Isso acaba se refletindo no fato de 77% dos alunos do Bolshoi Brasil cursarem o ensino fundamental e médio em escolas públicas de Joinville.

GRÁFICO 3 - RENDA DOS ALUNOS DO BOLSHOI EM 2019



Elaborado pela autora. Fonte: Relatório de Atividades da ETBB em 2019 (BUENO, 2020).

Vale lembrar, apesar de se caracterizar como um projeto social, a ETBB não exige que os alunos sejam de famílias em situação de vulnerabilidade social, já que a seleção é baseada somente em aspectos físicos, técnicos e artísticos. Entretanto, a gratuidade acaba fazendo com que crianças talentosas, mas que não teriam condições financeiras de arcar com uma formação de alto nível, possam ter a oportunidade de desenvolver suas aptidões e entrar no mundo do balé clássico profissional.

Além da parte pedagógica, destinada mais restritamente aos seus alunos, o Bolshoi Brasil também tem ações voltadas para a comunidade em geral, das quais citaremos algumas a seguir. Novamente focaremos nas atividades realizadas ao longo do ano de 2019.

Iniciaremos pelas apresentações, que são uma forma de divulgar o balé clássico em si e o trabalho da escola. Em muitas delas são cobrados ingressos, que também acabam complementando a renda disponível para manter a Escola. Os espetáculos em Joinville, entretanto, foram todos gratuitos em 2019, com a intenção de que os moradores da cidade que acolheu a Escola possam se familiarizar com sua arte. Em 2019 foram 69 apresentações em cinco estados diferentes, totalizando um público de 42 mil espectadores. Foi o ano em que mais se dançou em Joinville, com 20 apresentações, sendo oito delas Formações de Plateia. Esse tipo de espetáculo tira um pouco o público da função de apenas espectador, sendo mais interativo e com cunho educativo, para que a plateia conheça mais sobre o balé clássico (BUENO, 2020).

Além das 20 apresentações na cidade, ainda foram realizadas as Sextas com Arte, que consistiam em apresentações menores, podendo conter dança, música, teatro e palestras. Foram 54 apresentações gratuitas, resultando em um público de 5,4 mil espectadores. Vale lembrar que esse tipo de atividade é pensada para beneficiar não só o público, mas também os alunos que participam da apresentação, pois é uma oportunidade de ter a experiência de estar no palco e se acostumar com as dificuldades deste tipo de situação (BUENO, 2020).

No dia mundial da dança, foram feitas várias atividades interativas entre os alunos e a comunidade. Mais de 700 pessoas estiveram na Escola participando, dentre elas grupos de crianças, idosos, indígenas e garis. Na semana do idoso também houve programação especial, com visitas dos alunos à lares de idosos. Também foram feitas visitas à hospitais, que em 2019 foram focados em pacientes renais na Unirim, Pró-Rim e no Hospital do Rim. Os alunos também tiveram experiências de aprendizado e troca com pessoas com deficiência em dois momentos: participando XI Festival Estadual Nossa Arte, promovido pela Federação das APAEs do Estado de Santa Catarina; e recebendo a Companhia de Ballet de Cegos de São Paulo na escola. Outro intercâmbio de conhecimento e experiências foi feito com a tribo indígena Guarani, de Araquari. Mais uma forma de valorizar a diversidade da cultura brasileira e dos próprios alunos da Escola foi a promoção da 1ª Feira Cultural. Realizada no Dia da Família, o evento reuniu os alunos, familiares e colaboradores para que todos compartilhassem informações sobre seus locais de origem, incluindo gastronomia típica e oficinas de música e dança (BUENO, 2020).

A Escola também tem iniciativas que buscam estender seu viés educacional para estudantes de dança não vinculados à ETBB, assim como para professores da área. Desde 2016 são oferecidos cursos práticos e teóricos sobre a metodologia Vaganova, que iniciaram aproveitando o mesmo período do FDJ, e atualmente acontecem uma vez durante as férias de inverno e uma vez nas férias de verão. Até 2019 haviam sido oferecidos 28 cursos, reunindo 672 cursistas de 19 estados brasileiros e mais três países. Com a pandemia de 2020, os cursos passaram a ser oferecidos à distância. Em 2018 foram criadas as vivências, em que bailarinos e professores passam alguns dias vivenciando a rotina da escola e tendo acesso às mesmas atividades oferecidas aos alunos. Tanto os cursos quanto a vivência são pagas, portanto consistem em mais um elemento para promover a sustentabilidade financeira da Escola. Também são oferecidos workshops gratuitos pelo Brasil, que foram 57 em 2019 (BUENO, 2020).

Outro ponto além da formação, que influencia inclusive a economia da cidade, é o estímulo que a ETBB gera para o turismo em Joinville. Desde 2006, 91 mil pessoas visitaram a Escola (ETBB, 2020b). Em 2019, a instituição fechou uma parceria com a agência de viagens CVC, para que seja inserida nos pacotes turísticos da região. A mídia tem papel importante em divulgar a Escola e criar esse interesse, não só para futuros alunos, mas também atraindo turistas. A maior parte da divulgação midiática ocorre de forma espontânea, sem custo para a ETBB. Em 2019, foram 556 matérias no rádio, 503 na televisão, 535 na mídia impressa e 1671 na internet. Se fossem pagas, essas matérias valeriam quase 89 milhões de reais (BUENO, 2020). Essa divulgação acaba não sendo apenas do Bolshoi Brasil, mas da cidade de Joinville em si, tornando seu nome mais conhecido pelo país e consolidando a sua imagem de “cidade da dança”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, investigamos a denominação de “cidade da dança” atribuída a Joinville. Trata-se de um conceito já bem estabelecido no imaginário dos joinvilenses sobre sua própria cidade. Entretanto, percebemos que há pouca reflexão sobre o surgimento e consolidação dele. Provavelmente por abordar uma manifestação artística, é comum encontrar discursos romantizados, falando do amor pela dança, mas ignorando questões sociais, políticas e econômicas envolvidas. Em oposição a isso, através deste estudo constatamos a complexidade em torno da criação desta identidade cultural e turística da cidade.

Partimos de um senso comum que relaciona o surgimento do nome a um evento – o Festival de Dança de Joinville – e uma instituição – a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil. Ao investigarmos a história da cidade, contudo, percebemos que a origem de seus colonizadores e a forma como eles organizaram aquela sociedade desde o princípio também podem ter influenciado a formação desta identidade. Desta forma, este estudo se organizou em torno de três eixos principais, muitas vezes relacionados entre si: a colonização de Joinville, o FDJ e a ETBB.

Vimos que Joinville, então chamada de Colônia Dona Francisca, foi fundada em terras que pertenciam ao príncipe de Joinville devido ao seu casamento com a princesa Dona Francisca. O local foi cedido a um grupo de empresários alemães, que iniciaram a colonização a partir de 1851. A maioria dos imigrantes era de origem germânica, principalmente da Alemanha. Vários aspectos culturais desse povo permeiam os costumes dos joinvilenses e demais cidades da região até hoje.

O hábito dos colonizadores germânicos que notamos ser mais relevante para esta análise foi a tendência ao associativismo, ou seja, à criação de clubes e sociedades para promover a socialização através de práticas como ginástica, tiro, música, canto, teatro e dança. Grande parte dos imigrantes já praticava essas atividades em suas cidades de origem e quiseram retomá-las o mais rápido possível. Dessa forma, as primeiras sociedades foram se formando muito rapidamente, ainda mais se lembrarmos que quando os primeiros colonizadores chegaram, o território era praticamente mata virgem. As dificuldades do início e o isolamento em uma terra estranha tornaram essas organizações ainda mais importantes, pois elas promoviam união e apoio mútuo dentro da comunidade, assim como o fortalecimento da identidade dos colonizadores através da preservação de suas culturas.

Em 1858, apenas sete anos depois da chegada da primeira barca de alemães e suíços, já havia clubes de tiro, de canto, de ginástica, maçonaria, entre outras organizações. Naquele ano foi criada a Sociedade Harmonia, dedicada principalmente ao teatro, que décadas mais tarde fundiu-se com outra, formando a Sociedade Harmonia Lyra, que existe até hoje. Com regularidade eram promovidos bailes, que uniam a socialização com a apreciação das artes. Essas associações fizeram com que Joinville tivesse uma vida cultural e social rica, mesmo quando ainda era uma pequena colônia, e conforme ela foi crescendo e se tornou uma cidade, foi se formando uma população com apreço pela arte e cultura.

Esse pode ter sido um dos motivos do sucesso do FDJ, que teve sua primeira edição na Sociedade Harmonia Lyra, em 1983. Apesar de haver outros fatores envolvidos, que citaremos a seguir, deve ser levada em conta a calorosa acolhida do povo joinvilense ao evento, tanto através do comparecimento e empolgação nos espetáculos, quanto da hospitalidade em relação aos bailarinos e visitantes.

Uma forma mais tangível de se observar a influência da colonização no cenário da dança em Joinville e Santa Catarina é através dos grupos folclóricos. Há grupos que celebram através da dança a cultura de diversas etnias que migraram para a região. As danças folclóricas, também chamadas de danças populares, estiveram presentes desde a primeira edição do FDJ, e permanecem até hoje. As festas típicas também são um palco importante para esses grupos.

Quanto ao início do FDJ, percebe-se que além dos próprios joinvilenses, o apoio dos profissionais da dança que participavam do Festival também foi essencial para seu crescimento. Na época, o Brasil não contava com um evento de abrangência nacional na área da dança, e essa carência fez com que bailarinos, professores e coreógrafos vissem o potencial e importância do evento para a área e portanto, o apoiassem e trabalhassem para promover sua melhoria contínua.

Em relação à ETBB, pudemos perceber várias ligações e similaridades com o FDJ. A primeira está no próprio surgimento da Escola, que foi possível graças a um primeiro contato entre a companhia russa e os joinvilenses ocorrido no Festival, em sua décima quarta edição (1996). Com uma primeira impressão positiva causada pela comoção do público do evento, as negociações posteriores envolveram vários agentes. Da parte russa, os principais foram Alexander Bogatyrev, que faleceu antes da execução do projeto, e Vladimir Vasiliev, que assumiu seu posto e acompanha as atividades da escola até hoje. Da parte brasileira, o empenho e influência política de

Luiz Henrique da Silveira como prefeito de Joinville foram essenciais para trazer a escola para o Brasil, de modo que ele é considerado, juntamente com Vasiliev, patrono fundador da instituição. Outros brasileiros envolvidos, que atuaram na mediação entre as partes, foram Jô Braska Negrão e João Prestes.

O financiamento da ETBB e do FDJ são semelhantes, com grandes contribuições de empresas principalmente através da Lei Rouanet, somadas a incentivos vindos diretamente do Estado e fontes de renda próprias. Esses recursos possibilitam que hoje todos os alunos do Bolshoi Brasil recebam bolsa integral, promovendo inclusão social no cenário profissional do balé clássico, estilo de dança tradicionalmente considerado elitista.

Outra semelhança entre as instituições é que elas não se limitam a seus propósitos iniciais (no caso do FDJ, a competição entre bailarinos e coreógrafos, e no caso da ETBB, o ensino de balé clássico a seus alunos), trabalhando para atingir a comunidade e ampliar o acesso à dança. Ambas promovem diversas apresentações e eventos interativos gratuitos voltados para a população joinvilense. O cunho educacional também se faz presente com cursos voltados a qualificação dos profissionais da dança.

Falamos dos recursos econômicos que o FDJ capta para poder acontecer, mas também é importante ressaltar o dinheiro que ele movimenta na cidade. O Festival é um período importante para o setor turístico na cidade, levando a hotéis lotados e grande circulação de pessoas. O evento inclusive motivou o desenvolvimento dessa estrutura turística que ainda era muito precária em suas primeiras edições. Além de provocar a melhoria da estrutura hoteleira, a demanda gerada pelo FDJ levou à construção do Centreventos Cau Hansen, durante a gestão de Luiz Henrique, que permite o acontecimento de outros grandes eventos na cidade. A estrutura atualmente também é utilizada pela ETBB, que atua como mais um atrativo turístico.

Com essas leituras, percebe-se que a receptividade e entusiasmo dos joinvilenses pela dança tiveram seu peso na consolidação de Joinville como “cidade da dança”, mas estão longe de serem os únicos responsáveis. O surgimento e crescimento do FDJ, e posteriormente da ETBB, são processos complexos que estão intimamente relacionados a interesses políticos e econômicos, além das demandas dentro do próprio campo da dança. Algo interessante a se observar é que a contrapartida que estas instituições dão à sociedade provavelmente aumenta o

interesse da população em geral pela dança, fazendo com que o apelido reflita cada vez mais o real sentimento e identidade do joinvilense em relação a sua cidade, ultrapassando assim uma simples imagem turística.

6.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Acreditamos que a abrangência deste trabalho é um de seus pontos fortes, mas também uma de suas deficiências. Ao tratar de um grande período de tempo, olhando para distintas situações, acontecimentos, eventos, agentes e instituições, pudemos ter uma visão mais ampla e integrada da “cidade da dança”, compreendendo melhor a complexidade com que esses fatores interagiram e ajudaram a criar essa imagem. Entretanto, esse trabalho amplo impediu um aprofundamento maior de cada momento histórico ou acontecimento. Cremos que cada capítulo poderia suscitar mais discussões que não puderam ser exploradas, talvez até gerando novos estudos.

Ao longo das pesquisas e reflexões, percebemos que alguns conceitos, teorias e categorias sociológicas poderiam enriquecer as discussões. Entretanto, a limitação de tempo no âmbito de uma monografia, especialmente frente à complexidade do tema, impossibilitou que fossem feitas as leituras necessárias para trazer essas discussões com propriedade e profundidade. Alguns autores cujas obras poderiam ser úteis nesta monografia, e que ficam como indicação para possíveis derivações deste trabalho, são: Norbert Elias (O Processo Civilizador, A Sociedade de Corte, Os Alemães), Clifford Geertz (A Interpretação das Culturas) e Pierre Bourdieu (A Distinção, O Poder Simbólico, entre outros).

REFERÊNCIAS

REDAÇÃO A NOTÍCIA. Confira a programação completa do 37º Festival de Dança de Joinville. **A Notícia**, 15. jul. 2019. Joinville. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/confira-a-programacao-completa-do-37o-festival-de-danca-de-joinville>>. .

ASSIS, A. Conheça a história da chegada do Bolshoi em Joinville há 20 anos. **O Município**, 15. mar. 2020. Joinville. Disponível em: <<https://omunicipiojoinville.com/bolshoi-completa-20-anos-em-joinville-com-trabalhos-solidos-e-bons-resultados/>>. .

BOURCIER, P. **História da dança no ocidente**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAGA, S.; GEHLEN, J.; RUIZ, P. C. **15 anos de dança - Festival de Joinville**. 1ª ed. Rio de Janeiro: EGB, 1998.

BREPOHL, M. D.; NADALIN, S. O. Imigração germânica, etnicidade e identidade profissional: colonização em Joinville (Dona Francisca), Província de Santa Catarina. 1851-1889. **História**, v. 38, p. 1–25, 2019. São Paulo.

BUENO, A. B. Relatório de Atividades 2019. , 2020. Joinville: Escola do Teatro Bolshoi do Brasil. Disponível em: <<https://www.escolabolshoi.com.br/images/institucional-prestacao-contas/1586978490relata-rio-de-atividades-2019-escola-bolshoi.pdf>>. .

CAMINADA, E. **História da dança - evolução cultural**. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

ESCALABRINI, E. C. B.; REMOALDO, P. C.; LOURENÇO, J. M. Imagem turística sob o ponto de vista dos residentes: o caso de Joinville-SC, Brasil. **Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 10, n. 2, p. 301–312, 2018.

ESCOLA DO TEATRO BOLSHOI NO BRASIL. Conheça a Escola Bolshoi. Disponível em: <<https://www.escolabolshoi.com.br/institucional>>. Acesso em: 24/2/2020a.

ESCOLA DO TEATRO BOLSHOI NO BRASIL. **Uma escola para a vida**. 1ª ed. Joinville: Manuscritos Editora, 2020b.

FICKER, C. **História de Joinville - subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. 2ª ed. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1965.

GEHLEN, J.; BRAGA, S. **Palco da sagração - o maior festival de dança do mundo**. 1ª ed. Joinville: Editora Letradágua, 2012.

GIARETTA, M. J. **Festival de Dança de Joinville - turismo e polifonia cultural**, 2015. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GÖRRESEN, H. **Perfil cultural e turístico dos municípios catarinenses /**

Joinville - a cidade dos príncipes, das flores e da dança. edição esp ed. Forquilha: Edições, Glück, 2007.

HERBERS, L. A Oktoberfest de Blumenau – uma festa “alemã”? Grupos de danças folclóricas e programação musical entre Alemanha, Brasil e o imaginário cultural teuto-brasileiro, 1984-2009. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 14, n. 1, p. 167–181, 2014.

IBGE. Tendências demográficas - uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos 1940 e 2000. **Estudos & Pesquisas - Informação geográfica e socioeconômica**, v. 20, 2007. Rio de Janeiro.

IBGE. Joinville. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/panorama>>. Acesso em: 2/3/2020.

IFDJ. Festival de Dança de Joinville. Disponível em: <<http://festivaldedancadejoinville.com.br/2019/>>. .

JOINVILLE, Prefeitura Municipal. Joinville - cidade em dados 2017. , 2017. Joinville: Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável.

JUSTINA, P. DELLA. Feira da Sapatilha é espaço para lançamentos, em Joinville. **A Notícia**, 23. jul. 2019. Joinville. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/feira-da-sapatilha-e-espaco-para-lancamentos-em-joinville#_=_>. .

LARRAÍN, A. **O “negócio” da arte da cultura: Para uma antropologia do Festival de Dança de Joinville**, 2008. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91636/250773.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. .

MORRIESEN, C. Festival de Dança de Joinville de 2020 é adiado para julho de 2021. **A Notícia**, 20. jul. 2020a. Joinville.

MORRIESEN, C. Museu da Dança de Joinville: saiba qual é o novo ponto turístico da cidade. **A Notícia**, 10. out. 2020b. Joinville. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/museu-da-danca-de-joinville-ingressos-endereco-e-abertura>>. .

MURAUSKAS, L. C. Yes, nós temos Bolshoi. **Folha de São Paulo**, 13. mar. 2000. São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1303200006.htm>>. .

OLIVEIRA, J. C. DE. **Recursos de poder e a transformação da lógica do campo: um estudo sobre o Festival de Dança de Joinville**, 2008. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

SANTUR. Joinville. Disponível em: <<http://turismo.sc.gov.br/cidade/joinville/>>. Acesso em: 4/4/2020.

SCHLINDWEIN, I. L. **Julie Engell-Günther : um novo olhar sobre a Colônia Dona Francisca**, 2011. Universidade da Região de Joinville.

SCHMIDT, K. R.; VIVAN, P. A preservação da identidade germânica através das vivências turísticas e do patrimônio cultural imaterial. **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, jul. 2010. Caxias do Sul.

SOUZA, M. A. DA C. **A dança popular no processo de formação do bailarino clássico e contemporâneo: estudo sobre a Escola do Teatro Bolshoi do Brasil**, 2019. Universidade de Lisboa.

TERNES, A. **A economia de Joinville no século 20**. 1ª ed. Joinville: Editora Letradágua, 2002.

VOIGT, L. **O espaço de práticas do folclore “alemão” autêntico no Brasil: um estudo de Sociologia da Cultura e das Elites**, 2018. Universidade Federal de Santa Catarina.

ZIMMERMANN, J. C. DE O.; FADUL, É. M. C. A mudança na estrutura organizacional do Festival de Dança de Joinville em virtude de sua publicização. **Revista Brasileira de Administração Política**, v. 10, n. 1, p. 133–155, 2017.